

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Educação  
Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de  
Gênero

***Sexo forever:***  
Corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola  
pública de Porto Alegre

Christiane Sperling

Orientadora: Professora Doutora Guacira Lopes Louro

Porto Alegre  
2011

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Educação  
Curso de Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de  
Gênero

Christiane Sperling

***Sexo forever:***

Corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre

Trabalho de Especialização apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Especialista em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Orientadora: Profa. Dra. Guacira Lopes Louro

Porto Alegre  
2011

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui ao meu amigo Thiago pela sua infinita paciência e valiosa ajuda com o português durante a especialização toda e especialmente no processo de escrever este trabalho. Espero que algum dia eu possa te ajudar da mesma maneira com o teu alemão.

Às diretoras das várias escolas que visitei quero agradecer cordialmente por terem me recebido tão aberta e calorosamente, bem como pela confiança de terem me permitido entrar nos banheiros das suas escolas.

A minha orientadora Guacira Lopes Louro agradeço por sua gentileza, por suas idéias, sua paciência, sua sabedoria generosamente compartilhadas e pelas sensíveis traduções das minhas expressões em palavras mais inteligíveis.

Sinto-me muito grata por ter desfrutado do conhecimento e dos impulsos de todos os professores da especialização; com a sua ajuda abriu-se um novo mundo para mim.

A Roberto, Gio e Chiara: sou muito feliz que vocês existem, eu amo vocês de todo o meu coração. Obrigada por terem passado por isso comigo e por sua colaboração, sua alegria e seu carinho.

Obrigada, pai e mãe, por estarem aqui e por terem me apoiado em tudo e sempre.

Ao meu irmão Martin: tu sempre me inspiras com tuas lutas e teu sucesso, tu me mostras como sonhos podem virar realidade. Sou muito orgulhosa de ti.

Muito obrigada, Esterles, por ter me apoiado tanto, especialmente quando mais precisei.

Agradeço ainda ao Fábio pelas risadas e pela ajuda com o vocabulário, que no início me pareceu tão misterioso - aprendi muito.

*Lugar onde mais nos sentimos bem, tendo acima as estrelas e abaixo os excrementos. Um lugar simplesmente maravilhoso, onde mesmo na noite de casamento é possível estar só. Um lugar de humildade, onde você descobre claramente que não passa de um homem que nada pode conservar. Um lugar de sabedoria, onde você pode preparar a barriga para novos prazeres!*  
(Bertolt Brecht)



## **RESUMO**

O presente trabalho de pesquisa analisa e discute a representação do corpo no espaço escolar, mais especificamente nos banheiros escolares. Para esse fim foram examinadas as paredes dos banheiros de uma escola pública de segundo grau em Porto Alegre. Mediante fotografias tiradas pela pesquisadora durante a visita aos banheiros, as escritas e os desenhos nas paredes são analisadas sob a perspectiva dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, com um viés pós-estruturalista. Os principais pontos de análise são os conceitos de corpo, sexualidade e gênero. Inserindo as escritas e desenhos no contexto da cultura jovem e da história dos grafitos foi utilizado o método da análise cultural e da análise visual. A principal questão foi: como e em quais contextos se representam o corpo, a sexualidade e as relações de gênero nos banheiros de uma escola pública de segundo grau de Porto Alegre? A significância deste trabalho se manifesta no fato que a escola é um dos mais importantes locais para a construção de noções sobre corpo, sexualidade e relações de gênero. Os banheiros são um lugar relativamente livre, já que estão fora do controle de professores. Consequentemente, as paredes dos banheiros oferecem uma janela às representações de alguns pensamentos que provavelmente não apareceriam em outros espaços. Nas paredes pesquisadas surgem diversas temáticas, das quais se destaca a sexualidade. Tal temática faz parte de vários discursos diferentes, representando tanto a heterossexualidade, como também a homossexualidade e a transexualidade. Não se encontram contestações das sexualidades apresentadas. Existe uma forte ligação entre sexualidade e prazer, o que pode formar uma base útil para discussões em sala de aula.

**Palavras-chave:** Corpo. Sexualidade. Gênero. Grafitos de banheiro. Escola pública

## **ABSTRACT**

This research work analyzes and discusses representations of the body in school bathrooms. For this purpose the bathroom walls of a public high school in Porto Alegre were examined. The graffiti were documented in photographs and analyzed in a post-structuralist perspective, within the area of Cultural Studies and Gender Studies. The main concepts used for the analysis are body, sexuality and gender. Placing the graffiti in the context of youth culture and history of graffiti this study uses the methodology of cultural and visual analysis. Its research question is: how and in which contexts body, sexuality and gender are represented in a public high school in Porto Alegre? The importance of this research work lies in the fact that school is among the most powerful organs where notions about body, sexuality and gender relations are constructed. Bathrooms seem to be a place of relative freedom as they are not under direct control of teachers. As a consequence, bathroom walls present impressions of some thoughts that probably cannot be found in other, more regulated spaces. On the walls studied in this work a variety of topics appear, sexuality being the most prominent among them. It is connected to of different discourses, representing heterosexuality as well as homosexuality and transexuality. There is no protest against any of these forms of sexuality. Also noteworthy is a strong connection between sexuality and pleasure, which could provide a useful basis for classroom- discussions.

**Keywords:** Body. Sexuality. Gender. Bathroom graffiti. Public school.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>Pesquisas relacionadas / Levantamento bibliográfico .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>Pressupostos básicos / Contexto e fundo .....</b>	<b>17</b>
	<b>3.1</b> Grafitos de banheiro.....	<b>17</b>
	<b>3.2</b> Cultura Jovem.....	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>Lentes teóricas.....</b>	<b>24</b>
	<b>4.1</b> Gênero .....	<b>24</b>
	<b>4.2</b> Sexualidade.....	<b>27</b>
	<b>4.3</b> Corpo.....	<b>29</b>
<b>5</b>	<b>Metodologia da pesquisa.....</b>	<b>33</b>
	<b>5.1</b> A pesquisa pós - estruturalista.....	<b>33</b>
	<b>5.2</b> Análise cultural.....	<b>34</b>
	<b>5.3</b> Análise visual.....	<b>37</b>
	5.3.1 Análise de conteúdo.....	<b>39</b>
	<b>5.4</b> Procedimento da pesquisa .....	<b>41</b>
<b>6</b>	<b>Análise dos grafitos de banheiro.....</b>	<b>43</b>
	<b>6.1</b> O local.....	<b>43</b>
	<b>6.2</b> Corpo.....	<b>45</b>
	<b>6.3</b> Sexualidade.....	<b>49</b>
	<b>6.4</b> Aspetos de Gênero .....	<b>52</b>
<b>7</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>54</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho surgiu após assistir ao comercial francês “Protégez-vous”<sup>1</sup> para o uso de preservativos em sala de aula com a professora Silvana Goellner<sup>2</sup> (se trata de um pênis, desenhado na parede de um banheiro procurando vaginas, e todas fogem até ele colocar uma camisinha). Me chamou atenção o fato de quase nunca ter visto uma imagem de vagina (ou, na verdade o termo mais correto parece ser vulva) desenhada assim em um banheiro ou em qualquer outro local. Assim, surgiu a ideia da pesquisa sobre a representação do corpo, especialmente dos órgãos genitais, nas paredes de banheiros escolares.

Tenho refletido a respeito do modo como os órgãos corporais, ou melhor, suas representações, participam dos discursos que promovem a constituição do binarismo homem/mulher. Aparentemente é constrangedor falar sobre vagina/vulva e quando é imperativo referir-se a tais órgãos eles não parecem ‘ser levados a sério’, quer dizer, ou são nomeados de modo pejorativo ou se empregam termos diminutivos ou ‘atenuantes’. Diferentemente, as expressões usadas para se referir ao pênis parecem estar carregadas de orgulho e força. Essa dicotomia talvez seja sugestiva de que o par binário pênis/vagina representa ou reafirma o *status quo* das relações de gênero na sociedade.

Esse estudo quer ampliar esse foco um pouco e pretende investigar o que é escrito ou desenhado sobre o corpo nas paredes de banheiros em escolas públicas e assim tentar mapear a discussão atual entre jovens sobre esse tema. Também é de interesse analisar como se vinculam, nos grafitos de banheiro, os conceitos de gênero, sexualidade e corpo, já que esses três conceitos parecem estar intimamente entrelaçados. A escolha do lugar permite a redução da população de pesquisa a jovens que frequentam escolas públicas e que usam o local íntimo de um banheiro para expressar anonimamente e sem censura social os próprios pensamentos. A questão principal de pesquisa deste trabalho é:

**Como e em quais contextos se representam o corpo, a sexualidade e as relações de gênero nos banheiros de uma escola pública de segundo grau de Porto Alegre?**

---

<sup>1</sup> confira: [http://www.youtube.com/watch?v=DtwQnDZwmJw&has\\_verified=1](http://www.youtube.com/watch?v=DtwQnDZwmJw&has_verified=1)

<sup>2</sup> se trata de uma aula da Especialização Educação, Gênero e Sexualidade da Faculdade de Educação da UFRGS.

O objetivo do trabalho é analisar representações verbais e gráficas dos corpos, das sexualidades e dos gêneros feitas por jovens de ambos os sexos. Pretende-se que as paredes dos banheiros funcionem, neste estudo, como um barômetro, que oferece a leitura do “estado atual” no momento em que as fotos foram tiradas. Se alguém entrar hoje nos mesmos banheiros e tirar novas fotos, provavelmente já encontraria outra amostra, já que a manutenção dos banheiros é realizada frequentemente. Os dados coletados podem esclarecer quais são os discursos existentes e quais idéias eles veiculam.

Cabe considerar a afirmação de Barbosa (1984), que o que está escrito ou desenhado nos banheiros não faz parte da discussão aberta da sociedade. Se trata de tabus, do excluído, e além disso, falar de um certo assunto no banheiro significa, segundo o autor, aceitar a sua exclusão. No contexto da escola, o mapeamento do conteúdo das paredes dos banheiros pode mostrar esses assuntos excluídos e oferecer a possibilidade de considerar se alguns deles mereceriam ser trazidos para a sala de aula.

Na pesquisa pós-estruturalista, como sugerem Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005), a pessoa que conduz a pesquisa e o “lugar” de onde fala desempenham um papel importante. Se acredita que cada pesquisador/a olha o mesmo material de uma maneira diferente e estabelece conexões com experiências, informações, práticas, etc. de forma diferente do que outras pessoas fariam. É vital ter sempre esse fato em mente em cada momento do andamento da pesquisa.

Julgo útil apresentar um perfil da pesquisadora deste trabalho. Sou formada em trabalho social, trabalhei como assistente social em vários países, no Canadá, na Suécia e na Alemanha, e fiz pós-graduação em trabalho social internacional. Durante minha formação, trabalhei frequentemente com o assunto de gênero, sendo que a última vez foi em minha dissertação de mestrado. Percebi com muito assombro, tanto durante a minha vida profissional quanto na vida privada, que as relações de gênero como se apresentam hoje, obviamente construídas pela sociedade, pela cultura, são consideradas, sem nenhuma reflexão, como o fato mais natural do mundo pela maioria das pessoas, sejam elas velhas ou jovens.

Um fator bastante relevante para o processo desta pesquisa, por fim, pode ser que sou de nacionalidade alemã e moro há relativamente pouco tempo no Brasil. Para entender o significado das palavras nos grafitos de banheiro precisei muitas vezes de ajuda, e de vez em quando me falta a “sensação” de um falante nativo para perceber certas nuances do idioma. Cabe acrescentar que, curiosamente, me dei conta – especialmente durante meus estudos na especialização, quando foram tratados textos mais complexos – que uma língua estrangeira

pode funcionar como um par de lentes que fazem aparecer algo que sem elas não se perceberia. Através desse par de lentes que de certa forma me são “estranhos”, as coisas são percebidas de uma maneira bastante diferente, parece até mesmo que são examinadas mais cuidadosamente e chegam a um entendimento mais “plástico”. Uma característica da minha pesquisa pode ser, conseqüentemente, que o olhar se tornou automaticamente mais cauteloso e não toma nada como óbvio.

Segue agora o exame e sua questão principal a partir de vários ângulos, entre eles a pesquisa já existente na área, como também estudos sobre os jovens de hoje. A perspectiva teórica será pós-estruturalista e se utilizará de seu entendimento sobre o corpo, a sexualidade e o gênero. A metodologia recorre aos Estudos Culturais em conjunto com a análise visual, pois os grafitos de banheiro são documentados através de fotografias e consistem em si de elementos visuais que se expressam na escolha do tipo de caneta utilizado, cor, tamanho dentre muitas outras características.

## 2 PESQUISAS RELACIONADAS / LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O primeiro passo deste trabalho foi a busca de pesquisas semelhantes, que tenham se dedicado à exploração de escritas e desenhos feitos por os usuários em banheiros. A primeira descoberta foi que as escritas e desenhos entram na área de grafito, e com essa palavra na busca se abre um leque de pesquisas sobre *grafitos de banheiro*. Esse mundo é relativamente pequeno, mas existem pesquisas de alta qualidade em varias áreas de conhecimento em vários países. A seguir serão apresentadas as obras mais relevantes para a pesquisa presente.

Gustavo Barbosa publicou em 1984 a obra modelo brasileira da pesquisa sobre grafitos no banheiro. O autor discute o fenômeno de forma muito ampla, contemplando- o de diferentes ângulos, entre eles o papel da cultura e da civilização na construção da sexualidade segundo Freud, a revolução moral segundo Reich, o funcionamento do poder segundo Foucault e o conceito de proibição e transgressão. Além disso, o autor examina o banheiro como lugar para os grafitos e as características específicas que contribuem para fazer dele o local preferido para escritas e desenhos espontâneos. Ele também escreve um ensaio sobre excrementos e suas diversas funções, bem como as reações que surgem em relação a eles.

Após introduzir os grafitos e especificamente os grafitos latrinalis, ele apresenta a metodologia de sua pesquisa. Foram pesquisados banheiros de instituições diversas como escolas de primeiro e segundo grau, universidades, bares, cinemas, fábricas ou terminais de passageiros, dentro do período de um ano (1982) em varias cidades brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Campos e Angra dos Reis). No total foram analisadas 1008 mensagens verbais ou icônicas coletadas em quarenta instituições. As mensagens foram agrupadas segundo vocabulário utilizado, temática, gêneros e forma lingüística. Foram construídas tabelas quantitativas de frequência e incidências percentuais, que serviram como base para a análise. Os grafitos foram transcritos por um grupo pesquisadores com indicação do local onde foram encontradas.

Como resultado foi verificado que a sexualidade foi o tema mais abordado nos grafitos de banheiro pesquisados. As palavras “cu” e “viado” apareceram mais frequentemente nos palavrões e a homossexualidade é tema preferido nos banheiros masculinos. Nos banheiros femininos existem mais mensagens sobre heterossexualidade do que sobre homossexualidade, geralmente em tom sentimental, mas também se encontram grafitos de conteúdo erótico. Foi

verificado que nos banheiros masculinos se destacam grafitos sobre sexo anal, enquanto nos banheiros femininos o sexo oral é mais presente. Quanto aos órgãos genitais se notou que há mais referências ao órgão sexual masculino do que ao feminino. As palavras mais comuns são, respectivamente, “pica”, “pau”, “caralho” e “buceta”. Nos banheiros femininos o órgão masculino se encontra mais do que o feminino e se observou um fator de prestígio que se atribui ao órgão masculino enquanto a vagina e o ânus aparecem com conotações estigmatizantes. O pênis sempre é relacionado à força, ao poder, ao prestígio e ao prazer. O pênis também muitas vezes adquire personalidade nos desenhos, virando um animal ou uma pessoa e participa de uma história contada na parede, as vezes é representado como arma de fogo. Os pênis sempre são desenhados rijos e muitas vezes saem gotas de esperma. São desenhados principalmente por homens, já as mulheres pouco os desenharam, tampouco retratam vaginas. As vaginas encontram-se nos banheiros masculinos e são objetos de curiosidade e fetiche. Elas podem ser representadas de uma maneira didática, em contexto erótico e usando entalhes. Nos banheiros femininos se encontram corações com declarações de amor, especialmente nos banheiros de primeiro e segundo grau. O autor entende os corações como um símbolo do sentimento e da sexualidade da mulher, que assim se apresenta como dócil e passiva. Assinaturas com o nome próprio ou uma identificação pessoal em forma de um signo são muito comuns em banheiros masculinos infantis. Além disso se discute uma série de outras temáticas como política, slogans, drogas, religião, fofocas, anúncios, denúncias, piadas, recados e trovas, para assim oferecer uma pesquisa com base teórica muito ampla e completa.

Essa obra formou a base de várias pesquisas posteriores, por exemplo, a pesquisa de Renata Teixeira e Emma Otta (1998) da Universidade de São Paulo na área da psicologia. O estudo quantitativo analisa diferenças de gênero em grafitos de banheiro com o foco nas afirmações sobre sexualidade. A coleta de dados foi realizada em banheiros de cursos pré-vestibulares e de uma universidade em São Paulo. Não se encontraram diferenças de gênero significantes no número de grafitos sexuais, mas o conteúdo sexual das escritas variou: nos banheiros dos cursos pré-vestibulares os homens utilizaram a “analiidade” e o “xingamento” nas suas afirmações sobre sexualidade, enquanto na universidade os homens preferiram mais o “xingamento” e as mulheres o “elogio sexual”. A pesquisa mostrou que os homens se mostraram mais agressivos que as mulheres na produção de grafitos sexuais e por isso as pesquisadoras presumem a possibilidade de uma relação entre agressividade e sexualidade.

A pesquisa da Universidade de Campinas na área de Letras realizada por Vilar et al. (2006) também utiliza a obra de Barbosa (1984) como referencia principal. Se trata de uma

análise de discurso dos escritos de banheiro na universidade e detectaram escritas tanto nos banheiros masculinos quanto nos femininos. As temáticas das escritas são a sexualidade, reflexões (p.ex. políticas), xingamentos como também mensagens escatológicas. As últimas foram encontradas mais nos banheiros femininos enquanto reflexões e xingamentos foram mais usados nos banheiros masculinos. Os autores enfatizam o caráter livre do banheiro, pois eles o acham um lugar onde pode ser falado de tudo, especialmente porque não existe a necessidade de assinar as afirmações para que elas tenham validade. Eles também ressaltam que a personalidade do autor não é importante no discurso, ele serve muito mais como uma ferramenta social durante a organização de uma produção escrita. O banheiro lhes parece ser um local de transgressão dos limites existentes na sociedade, lá se pode falar de tabus que normalmente não podem ser discutidos abertamente em outros contextos.

Seffner (2009) mostra, utilizando uma coleção de escritas encontradas em vários banheiros de diferentes localidades e anotações de cenas relevantes do seu diário de campo, a complexidade das práticas sexuais. As cenas e as escritas tratam de práticas sexuais que podem ser consideradas “obscenas” na sociedade cotidiana e, a partir delas, o autor formula algumas questões sobre direitos sexuais e entrega as reflexões e respostas à responsabilidade do leitor.

No Canadá Ahmed (1981) examinou, de uma maneira quantitativa, os grafitos de banheiro em escolas de ensino médio e confirmou várias hipóteses, entre elas três relevantes para a pesquisa presente: A primeira afirma que meninas fazem mais uso de grafitos do que meninos. A segunda, que se encontra o mesmo número de grafitos sobre sexo nos banheiros masculinos e femininos. A terceira e última afirma que meninas escrevem mais grafitos sexuais com temática romântica, enquanto os meninos preferem os grafitos sexuais com conotação erótica.

A obra referencial sobre grafitos de banheiro na Europa foi escrita pelo austríaco Sigl (1993). Ele é o fundador do *Wiener Graffiti Archiv*<sup>3</sup>, que apresenta uma coleção bastante extensa de grafitos de muitas cidades em vários países da Europa organizados em várias temáticas, entre elas, sexualidade e relações de gênero<sup>4</sup>. Seu livro “*Kommunikation am Klo. Graffiti von Frauen und Männern*”<sup>5</sup> é resultado da sua dissertação de mestrado, um estudo quantitativo, na área da psicologia. Ele explora várias temáticas e procura em cada uma delas a existência de diferenças entre banheiros masculinos e femininos. Ele constata que nos banheiros masculinos se encontram muito mais escritas e desenhos que nos banheiros

<sup>3</sup> Arquivo de grafito de Viena: [www.graffitieuropa.org](http://www.graffitieuropa.org)

<sup>4</sup> Confira <http://www.graffitieuropa.org/sex.htm>

<sup>5</sup> Comunicação no banheiro. Grafitos de mulheres e homens.

femininos. A respeito de *política* ele verifica muito mais grafitos nos banheiros masculinos, embora nos banheiros femininos questões do *movimento feminista, política feminista* e o *papel da mulher na sociedade* adquiram um espaço considerável. Na temática *sexualidade e relações de gênero* as mulheres produzem quase o dobro de grafitos comparado aos homens. Em grafitos masculinos falta individualidade, as mulheres são reduzidas aos órgãos genitais. Os homens propagam masturbação e homossexualidade, porém ao mesmo tempo contestam suas afirmações com forte crítica. Quanto aos desenhos sobre práticas sexuais, os homens produzem muitos grafitos de sexo vaginal e oral (*fellatio*) sem mostrar nenhuma consciência em relação às necessidades do sexo oposto. Nos banheiros femininos se encontraram poucos desenhos e as mulheres não falam de sexo vaginal, elas discutem muito mais outras possibilidades de atividades sexuais. Elas comunicam o desejo para o ato sexual da mesma maneira franca que os homens. Sigl (1993) comenta que os grafitos femininos se tornaram tão sexuais quanto os masculinos ao longo do tempo em função da mudança na socialização. Com isso ele argumenta contra Kinsey (*apud SIGL,1993*) que observou em 1953 que quase não havia grafitos de conteúdo sexual nos banheiros femininos e explicou isso pela diferença genética entre homem e mulher. Nos banheiros femininos, afirma Sigl no seu trabalho, o amor tem grande importância e é discutido de forma muito detalhada, sendo causa de uma comunicação variada, enquanto os homens somente desenhavam um coração e escrevem um nome feminino no interior ou se limitam à frase: “Eu amo...”.

A obra acadêmica mais recente que utiliza o trabalho de Sigl (1993) como base é o estudo de Katrin Fischer (2009), que analisa as escritas nos banheiros universitários de Bonn/Alemanha sob uma perspectiva linguística. A autora não se interessa exatamente pela temática dos grafitos, mas sim quer examinar como os grafitos de banheiro são influenciados pelo espaço medial da cabine do banheiro. Ela mostra que o banheiro como espaço físico sempre influencia a linguagem dos grafitos de banheiro. Estes são gerados pelo espaço de comunicação do banheiro, que cria uma situação de comunicação assíncrona, monóloga e baseada na escrita. Os processos de pensamento que se encontram nas paredes dos banheiros são resultado da percepção do espaço. Se trata de um espaço de comunicação coletivo, mas visitado sucessivamente. Grafitos de banheiro são, para Fischer (2009), um encontro social temporário, que se constitui em uma pessoa presente e na ausência de muitos parceiros de interação.

Por fim vale ressaltar que as pesquisas aqui apresentadas deram impulsos para a análise do trabalho presente e permitiram situá-lo no contexto dos trabalhos relatados, como

também podem ser interessantes para compará-las com os aspectos da análise e as considerações finais discutidos nos capítulos 6 e 7.

### 3 PRESSUPOSTOS BÁSICOS / CONTEXTO E FUNDO

As informações presentes neste capítulo pretendem auxiliar na compreensão dos grafitos de banheiro coletadas partindo do conhecimento já existente sobre grafitos, bem como oferecer fatos sobre a cultura jovem, da qual os grafitos deste estudo fazem parte.

#### 3.1 Grafitos de banheiro

Primeiramente se mostra produtivo definir mais precisamente do que se trata ao se falar de grafitos. Existem diversas definições, porém no livro de Barbosa (1984, p.79) encontra-se uma definição bastante clara, abrangente e concisa do conceito de grafito de Luiz Beltrão:

São inscrições, pinturas e desenhos toscos, traçados por pessoas geralmente não-identificadas, em paredes, arvores e outras superfícies mais ou menos duras e utilizando lápis, carvão, tintas, estiletes e outros objetos pontiagudos, com finalidade de transmitir mensagens aos transeuntes ou usuários dos locais em que se encontram gravados. A palavra vem do italiano *graffito* e tem origem greco-latina: *graphein* (escrever) e *graphium* (gravado com estilete).

A pesquisa de grafitos de banheiro, segundo Sigl (1993), não possui uma longa tradição, mas ela se baseia na pesquisa geral de grafitos e nos achados de grafitos antigos, que pertencem ao paleolítico. Da época dos romanos existem inúmeras amostras de grafitos pictóricos e verbais, especialmente das cidades do Vesúvio, como Pompéia. A partir da metade do século XIX foi iniciada a pesquisa de grafitos ampliando assim o conhecimento sobre o desenvolvimento da escrita romana, do latim vulgar, da vida cotidiana e econômica na Roma Antiga. Também se encontraram grafitos de banheiro nessa época, embora geralmente não se localizassem em locais ocultos, já que não pretendiam ir contra as estruturas de sociedade. Sigl (1993) enumera trabalhos importantes como a revista *Anthropophyteia*, que foi publicada em 1906 pelo austríaco Friedrich Krauss, em cooperação com Sigmund Freud,

entre outros. Essa revista tratou, dentre outros assuntos, dos grafitos de conteúdo sexual. Em 1928 o lingüista Allen Walker Read coletou escritas em banheiros públicos no oeste dos Estados Unidos e no Canadá e editou um dicionário de expressões sexuais coloquiais. Existem várias obras que utilizam grafitos de banheiro para pesquisas das ciências sexuais, entre eles um estudo de Alfred Kinsey, que pela primeira vez examinou diferenças de gênero nos grafitos de banheiro. Sigl (1993) nomeia o ano 1980 como ponto inicial da pesquisa na área de gênero nos grafitos de banheiro.

Barbosa (1984) descreve o banheiro como lugar ideal para grafitos: “Território sujo e livre, que parece oferecer-nos segurança, anonimato, intimidade, o banheiro é um dos locais onde mais se produzem grafitos em nossa sociedade.” (p. 77). Para ele, o banheiro é um lugar excluído das partes sociais de uma casa ou uma instituição, “dedicado ao corpo, em sua mais natural condição” (p.66). Ele compara banheiros públicos e banheiros privados e constata que os primeiros possuem algumas desvantagens, em função da perda de privacidade e a vigilância do espaço. Essa vigilância não somente ocorre através da arquitetura, por exemplo, com portas que não chegam até o chão, nem até o teto, mas também através de certas medidas de controle, que Foucault já nomeia em *Vigiar e Punir* (ver BARBOSA, 1984, p. 74), entre eles um horário estabelecido para o uso do banheiro, bem como certo tempo delimitado para permanecer no banheiro, que se aplica especialmente em escolas. Apesar da existência desses regulamentos de controle, ir ao banheiro é chegar num lugar de privacidade, intimidade e individualidade, que pode estimular seu uso para a realização de outras atividades socialmente consideradas tabus ou proibidas. Uma dessas atividades pode ser a produção de grafitos latrinais que, segundo Barbosa (1984), surgem mais em banheiros públicos ou escolares. Aparecem nas paredes, nas portas, nos vasos, na descarga e as vezes também no teto ou no chão. As instituições, como por exemplo a escola desta pesquisa, investem uma soma considerável para tirar os grafitos, por um lado em função da limpeza e manutenção do prédio, mas por outro lado os grafitos com suas diversas mensagens são de difícil controle. Barbosa (1984) destaca que ambientes de “tensão institucional e de forte vivência da contradição indivíduo-sociedade” (p. 82), por exemplo, em uma escola, aumentam a motivação de expressar a presença individual e sentimentos privados.

Grafitos na escola muitas vezes funcionam como válvula de escape, os alunos neles comunicam suas preocupações, seus medos e desejos, que não cabem no cotidiano escolar. O abismo entre o conteúdo didático e as necessidades dos alunos costuma ser grande e os grafitos podem ter um efeito de balanço. Segundo Sigl (1993), o grafito pode ser uma forma

criativa de autoafirmação e poderia ser utilizado em um outro contexto, as temáticas abordadas no banheiro poderiam virar, por exemplo, discussão em sala de aula.

Por outro lado, os grafitos de banheiros possuem a vantagem de não ter limites de censura e de oferecer acesso livre a temáticas das quais não se fala normalmente na sociedade, o que pode lhes atribuir caráter confessional. Mas Barbosa (1984) percebe também que muitas vezes a censura se encontra no discurso dos próprios grafitos, quer dizer, os autores censuram outros ou a si próprios através de estigmatização e preconceitos. Escrever e desenhar no banheiro significa uma transgressão, mas nesta transgressão se encontra organização e regras. Colocar certas temáticas na parede do banheiro também pode ser considerado como aceitação de que estes assuntos não deveriam ser discutidos em outro contexto, pois tudo que aparece na parede do banheiro faz parte do excluído. Isso também é possível ser constatado da seguinte maneira: falar de certas temáticas nas paredes dos banheiros não as leva para (a discussão) fora dos banheiros. Neste estudo, os grafitos também serão analisados como assuntos que muitas vezes não adquirem espaço adequado, já que são excluídos do dia-a-dia da escola ou da vida cotidiana.

### **3.2 Cultura Jovem**

Vale a pena observar alguns aspectos dos jovens de hoje. É importante definir quem são e como vivem as suas vidas, quais são os marcadores de gênero e sexualidade que lhes influenciam, bem como não menos importante é estudar alguns dos seus comportamentos em relação a interações com os outros e a vida afetiva.

Não existe uma definição rígida de idade a ser incluído no grupo dos jovens, porém Regina Novaes (2006) nomeia as idades entre 14 e 24 anos, acrescentando que esses limites não são fixos. Depende muito mais das circunstâncias da vida de uma pessoa, se ela trabalha ou estuda, vive com os pais ou precisa ser completamente responsável com suas coisas próprias. A autora afirma que “jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais.” (NOVAES, 2006, p. 105). Ela destaca vários fatores de desigualdade entre os jovens brasileiros hoje em dia, das quais o mais importante é a classe social. Mais especificamente ela chama a atenção à ocupação da pessoa, se ainda está na escola ou se já teve que assumir um trabalho. Gênero e raça são outros dois fatores de desigualdade, a vida de uma jovem

negra pode ser bem diferente de uma vida de um jovem branco, mesmo dentro da mesma classe social. O local de moradia se mostra como outro ponto importante em função do estigma em relação a certos endereços. Segundo a autora existe uma discriminação por endereço, deixando os jovens de áreas carentes com menos chances de, por exemplo, arrumar emprego. Finalmente a autora enumera as disparidades regionais e as relações entre campo e cidade como influenciador na vida dos jovens.

As escolas, continua a autora, são em geral a instituição na qual os jovens têm mais confiança, sabendo bem, portanto, que a finalização do segundo grau ainda não garante acesso ao mercado de trabalho. Um fator essencial na vida dos jovens hoje é a ausência da mobilidade social, o que significa que os filhos não tem a chance de melhorar a sua condição de vida e trabalho em relação a seus pais. Ao contrário, em geral se tornam mais pobres do que seus pais, sejam eles de um contexto rico ou pobre. Outro ponto crucial é que as possibilidades de mercado para os jovens não correspondem aos seus anos de estudo. As vagas de emprego encontram-se cada vez mais em setores onde não é necessário ser criativo ou autônomo, por exemplo num *call center* ou como caixa de supermercado. Uma questão importante para todos os jovens e seus pais é a entrada no mercado de trabalho, que em si se apresenta em um estado complicado, pois dominam contratos de trabalho de curta duração e a probabilidade de ser demitido é alta.

Em consequência, os jovens de hoje encontram-se em uma situação desconfiante e insegura. Segundo Novaes (2006) os medos mais frequentemente enumerados são a violência e o desemprego, ela constata a existência do medo da morte prematura em função da violência e do medo do futuro. Jovens de todas as classes sociais lidam com esses medos. Para enfrentar esses problemas, pelo menos nas áreas carentes, existem projetos para livrar os jovens de certas marcas de exclusão como a falta da escolaridade. A autora alerta à necessidade de usar esses projetos de uma maneira adequada e evitar mover o problema para outros lugares ou estigmatizar todos os jovens da periferia como criminosos. Como ponto positivo a autora destaca que todos os jovens hoje em dia tem o mesmo acesso a informações através da internet, pois mesmo os mais pobres em geral também são usuários da internet, seja em casa, seja através de associações ou centros comunitários e ONGs.

Mirian Goldenberg (2006) examinou as diferenças de gênero da juventude carioca e chegou a resultados que podem ser válidos para uma grande parte da juventude em geral. Ela entrevistou pessoas a respeito de suas relações sexuais e relacionamentos amorosos, bem como sobre as suas ideias quanto à masculinidade e feminilidade. As mulheres pesquisadas declaram sofrer por diferentes motivos em seus relacionamentos, em resumo normalmente em

função da dominação masculina. Percebeu-se que as mulheres tendem a colocar-se em uma situação de vítima. O sofrimento masculino foi mais difícil de ser detectado, mas existe uma série de exigências de ser alto, viril, ter um pênis grande e força física, o que pode causar estresse para os homens. Um medo comum dos rapazes é falhar sexualmente. Se notou que o estresse é alto, mas as possibilidades de falar sobre as ansiedades são pequenas, pois como homem, não se fala dos próprios problemas. Os modelos de gênero são rígidos e dominam não somente as mulheres, mas também os homens.

Em seu estudo a autora percebeu que homens e mulheres são muito próximos nas suas experiências e comportamentos sexuais, mas que o discurso sobre isso é significativamente diferente. A iniciação sexual de homens e mulheres hoje em dia é igual em torno dos 16 anos e o número de parceiros sexuais também não difere muito. Tanto homens quanto mulheres traem seus parceiros. Mas o homem encontra-se sob a pressão de ter muitas parceiras e ser um homem “normal”, enquanto a mulher tem que cuidar sua reputação e não revelar livremente o seu número de parceiros, se for alto. Os homens explicam o seu comportamento através da natureza masculina e as mulheres ainda se sentem sob dominação masculina, mesmo de fato tendo um comportamento semelhante. Os homens tendem a permanecer em silêncio, enquanto as mulheres gostam de falar sobre a sua situação. A autora sugere que seria possível voltar ao modelo de um sexo único da Grécia Antiga em função da pouca diferença entre homens e mulheres, mas ela mostra como as diferenças de sexo são criadas na linguagem, na fala, e por isso existem firmemente no pensamento e no ver do mundo da sociedade cotidiana.

Existem novas formas de sociabilidade e afetividade no mundo dos jovens, que foram estudadas por Maria Isabel Almeida (2006) na juventude carioca, mas que são conhecidas também em outros lugares do Brasil. Os comportamentos apareceram no contexto dos nomadismos metropolitanos, que significa que as pessoas vivem no momento, na situação, em um mundo das inovações técnicas que aceleram a vida cotidiana e em movimento constante. O corpo funciona como meio de comunicação, através de tatuagens, roupas, movimentos etc., que fazem parte do processo de identificação. Os avanços tecnológicos, como afirma a autora, influenciam os sujeitos e lhes desestabilizam, pois as percepções subjetivas se tornam mais complexas e assim intensificam as identidades.

Um dos novos comportamentos é o “zoar”, que é uma prática de grupo, especialmente na “*night*” (saída noturna). Um grupo de amigos se encontra para passar tempo juntos e descarregar energia, relaxar do dia-a-dia exigente. O maior objetivo é fazer algo acontecer, causar mais movimento e bagunça possível, não importa onde, o importante é estar com os amigos, o ato de “zoar” sozinho não existe. Para zoar, então, não se precisa muito, basta o

grupo de amigos. Em qualquer situação e lugar, até entre dois lugares, no caminho, se pode zoar. As ações em geral são livres de um sentido mais profundo fora de se divertir e consistem por exemplo em gritar, beber, rir, dançar. Também pode ser descrito como *fazer ambiente*, como afirmou um participante da pesquisa de Almeida (2006). Não precisa uma direção da ação ou objetos definidos para zoar. Lugares comuns para a zoação são shopping centers, cinemas, boates ou praças. Um pesquisado explicou que seu grupo de amigos, sua “galera”, não precisa mais do que um futebol, o espaço vazio em frente de um mercado de madrugada e a falta do que fazer para começar a zoar. Em resumo, os fatores-chave da zoação são a dimensão grupal, a improvisação, a falta do que fazer, o deslocamento, a circulação, a descarga e o escape do dia-a-dia. A juventude pode ser entendida, através desse comportamento, como em fluxo constante, sem orientação fixa e com falta de objetivos.

Outro comportamento, que faz parte da *night*, se chama “ficar”, o que basicamente significa beijar. Mas não se trata de um beijo de início de um namoro, se trata de beijos em série e com parceiros diferentes, livres de sentimentos de amor ou compromisso. Almeida (2006) percebe nisso a “pulverização das etapas que outrora caracterizavam a marca singular e única do enamoramento, ou do prelúdio de uma trajetória sentimental” (p. 149) e afirma a necessidade de “reconsiderar dimensões espaço-temporais incluídas nas novas performances afetivas” (p.149). O beijo recebe uma dimensão intensa, pois inclui ao mesmo tempo o princípio e o fim. Funciona como descarga rápida de emoções, tem caráter fugaz e lembra do *zapping* na hora de assistir televisão: se consome a maior quantidade de imagens, ou neste caso corpos, possível em curto tempo, mas se recebe pouca informação no mesmo período de tempo.

O “ficar” tem uma dimensão competitiva, especialmente entre os meninos. Se trata de beijar o número mais alto possível de pessoas em uma noite para ganhar popularidade entre os amigos. Aqui entra outra palavra: a *pegação*. Beijar é pegar, e quanto mais mulheres são pegadas por noite, melhor para o rapaz. *Pegação* em uma discoteca junto com um grupo de amigos também é um exemplo de “zoar”. Almeida (2006) descreve uma atmosfera performática que ela observou em uma boate carioca: uma parada de pessoas se beijando, trocando parceiros frequentemente, tudo sob o olhar dos outros. Existem diferenças de gênero nesta prática, porque as mulheres em geral são consideradas os alvos, mesmo se elas atacam os homens com a mesma frequência. Como se pode perceber, usa-se vocabulário balístico, e a ação de “ficar” parece mesmo uma guerra, uma caça. Se diz também que para os meninos vale mais o número das meninas com as quais conseguem ficar, e que as meninas procuram encontrar algo mais do que a pura *ficada*, como, por exemplo, um par para ficar beijando a

noite inteira. Contrariamente, para os homens a *night* de “ficar” e namoro são coisas que se excluem, para eles o “ficar” é relacionado com movimento, eles circulam para ficar com uma após a outra. Resta explicar algumas distinções feitas pelos jovens. *Ficar* é beijar uma vez sem compromisso, *ficar ficando* é beijar varias vezes sem compromisso e *namorar* significa ter um compromisso com alguém. Almeida (2006) destaca que esse comportamento faz parte do nomadismo metropolitano, caracterizado por volatilidade e seriação.

Os jovens do presente estudo com certeza conhecem as práticas do “zoar” e “ficar”, elas deveriam fazer parte do seu estilo e sua sensação de vida. Eles também são sujeitos das regras das relações de gênero nomeadas acima e com certeza vivenciam juventudes diferentes, sendo que provavelmente pertençam, na maioria, às classes mais baixas e em grande número às periferias. Segundo uma conversa com a diretora da escola e observações feitas no local pela pesquisadora, vários alunos da escola pesquisada já entraram no mercado de trabalho, estudando de dia e trabalhando à noite. Outros ainda só estudam, alguns já são traficantes de drogas e muitos se sentem desanimados perante o futuro. Por isso se encontra uma grande variação de juventudes vivenciadas nesta escola pública de segundo grau, mas a característica mais comum que diz respeito a todos, deveria ser uma renda familiar bastante baixa. Essas informações já ajudam a localizar os autores e autoras dos grafitos de banheiro em um ambiente bastante definido.

## 4 LENTES TEÓRICAS

Este capítulo pretende descrever os conceitos de gênero, sexualidade e corpo sob o olhar da educação, pois esta pesquisa se concentrará na busca, nos grafitos colecionados, de assuntos ligados a essas temáticas. Existem diversas outras abordagens e os grafitos com certeza poderiam ser analisados sob outros olhares, mas este é o recorte que foi feito para a pesquisa presente, se pode dizer que estes três conceitos são as lentes através das quais a pesquisadora analisará o material.

### 4.1 Gênero

O conceito de gênero não é de fácil descrição, pois é aplicado em um sem número de contextos ligados a pensamentos teóricos diferentes, representando uma variação de opiniões que podem até se mostrar como antitéticos. Verbena Pereira (2004) explica que o conceito de gênero, como é entendido hoje em dia nos estudos de gênero, não somente ocupa-se com as diferenças biológicas, como se poderia pensar tradicionalmente e como se entende o conceito gramatical do gênero, mas muito mais se estendeu para as diferenças que a cultura/sociedade impõe aos sexos. A autora descreve o conceito como construído ao longo do tempo, no decurso dos estudos feministas, que aos poucos mudaram seu foco das mulheres para o objeto de gênero.

Guacira Louro (2007 b) fez um resumo da história do desenvolvimento dos estudos da mulher nos anos 1960 até os estudos de gênero atuais. A primeira onda de feminismo como movimento social foi o sufragismo na virada do século XIX. A segunda onda começou no final dos anos 60 como manifestação coletiva de protesto contra o sistema tradicional e funcionou não apenas através de ações, mas também através de construções teóricas quando as feministas trouxeram a discussão para as universidades. Assim surgiram os estudos da mulher.

O objetivo dos estudos da mulher, como nos diz Louro (2007 b), era tornar as mulheres visíveis como sujeitos na sociedade, na política e na ciência. As estudiosas queriam atingir uma mudança na sociedade, mas não conseguiram sair do conceito de um universo feminino. Gradualmente as descrições se transformaram em explicações e diferentes perspectivas de análise foram utilizadas, como por exemplo, o Marxismo ou a Psicanálise.

Gradualmente, os homens também entraram no foco dos estudos. Nos estudos de gênero se pensa em multiplicidade, por isso é importante considerar sociedades distintas e momentos históricos na construção de gênero. Se trata de uma construção e não de um dado fixo. Existe uma grande diversidade na forma de compreender e viver os gêneros não só entre sociedades, mas também entre diversos grupos, por exemplo grupos étnicos, religiosos ou raciais e entre formas de masculinidade ou feminilidade. Em consequência, gênero é considerado constituinte da identidade, porque faz parte do sujeito. Os sujeitos tem identidades plurais, não fixas e elas às vezes são contraditórias. (ver Louro, 2007 b).

Pereira (2004) oferece um panorama das variações que existem em relação ao conceito de gênero. Esses conceitos diferentes se encontram “na encruzilhada do natural e do cultural ou do relacional, com aportes teóricos múltiplos em contextos da biologia, da história, da cultura, do social, da linguagem, do psicológico” (PEREIRA, 2004, p. 178). A autora afirma, que todas essas abordagens tem em comum que não aceitam posições deterministas e não acreditam em destino. Ela destaca que a questão dualista natural/cultural ainda é discutida e não resolvida até hoje. Algumas estudiosas elaboraram o *sistema sexo/gênero*, no qual a biologia tem um papel importante e não pode ser negada, outras acham que o gênero somente é uma construção histórico-cultural e completamente desvinculada da biologia. Essas duas posições são relativizadas por uma terceira, que critica o determinismo cultural.

Judith Butler representa essa terceira categoria e argumenta que o binarismo poderia ser superado quando entender o gênero como processo *in fluxu*, que desconstrói tanto o biológico quanto o cultural continuamente. Outra estudiosa clássica dos estudos feministas, Joan Scott (*apud* Louro (2007 b)), pretende desconstruir a noção binária no conceito de gênero, porque considera que homens e mulheres não funcionam como pólos opostos, pelo contrário, o pólo masculino contém o feminino e vice-versa. A ideia de dicotomias inclui que o primeiro elemento tem prioridade e o outro deriva dele. A desconstrução do gênero significa entender que há diversas formas de masculinidade e feminilidade.

Quanto à temática de gênero nas escolas e no currículo, Louro (2008) constata que devido à instabilidade e à transitoriedade do nosso tempo, os educadores e educadoras, em seu trabalho, deveriam aceitar dúvidas, contradições e respostas múltiplas, tentando evitar a noção

singular de gênero e sexualidade padrão, que propõe apenas um modo de ser homem ou mulher. A identidade referencial, nas escolas como na maioria dos ambientes sociais, é masculina, branca e heterossexual, e é reforçada através do seu uso como identidade referencial. Em função de uma longa luta de grupos militantes dos, assim chamados, ambientes marginais, que chamaram atenção à falta de atenção a suas próprias necessidades, a escola hoje em dia trabalha com datas comemorativas, como dia da mulher ou dia do índio. A autora critica que essas atividades só contemplam de forma esporádica e talvez superficial os sujeitos e suas culturas, mas não indagam sobre a sua situação marginalizada. Ela sugere um questionamento desse modo de representar as chamadas minorias e a análise dos discursos existentes a seu respeito.

Através de discussões sobre o que significa ser considerado *referência* ou *diferente do "normal"* ou através de investigações sobre como exatamente acontece essa classificação, um avanço na perspectiva de tratar o assunto poderia ser atingido. Louro (2008) lembra também que a decisão sobre o que é definido como *diferente do "normal"* é diretamente conectada à uma certa cultura, da qual essa classificação faz parte. Questionar essa classificação oferece a possibilidade de reconsiderar o que se percebe como dado ou natural, especialmente as identidades de gênero. Ela acrescenta a importância de saber e entender como os discursos sobre gênero, o normal e o diferente, surgem e como eles estão inclusos no currículo escolar.

A autora chama atenção que a tolerância e a aceitação de grupos e pessoas que são considerados diferentes pode ser insuficiente, uma vez que a tolerância parece manter de algum modo a noção de assimetria, na qual há uma pessoa que tolera (e assume a posição superior, condescendente) e outra que é tolerada (e mantém um lugar social subordinado). Louro (2008) propõe uma outra atitude: em vez de se concentrar numa posição fixa e "normal", seria adequado reconhecer que "todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo" (LOURO, 2008, p. 49). Ela apela também para que se trabalhe com aqueles sujeitos que não querem se encaixar na classificação tradicional de gênero e sexualidade e preferem se movimentar continuamente entre eles, sem assumir uma posição fixa. Mesmo sendo perturbadores para a maioria das pessoas, Louro (2008) explica que podem ser vistos como parte do nosso tempo, e como eles também se encontram nas escolas, ela julga vital que nos ocupemos deles. Para ela, seria a chance de entender a diversidade não como problema, mas como parte da vida, de entender que existem mais verdades do que uma e que a verdade é definida pela cultura de um certo lugar em um certo tempo. Em suma, é importante, também e especialmente nas escolas, que se utilizem práticas que desestabilizam a ideia da naturalidade de certas posições e

identidades. Assim é possível reconhecer a pluralidade dos modos de ser, bem como o seu caráter provisório.

## 4.2 Sexualidade

A noção sexualidade, como comenta Louro (2007 c), está ainda mais vinculada à biologia do que o conceito de gênero, pelo menos nas perspectivas essencialistas e deterministas. Por outro lado existe a perspectiva do construcionismo social, que inclui uma variedade de posições, mas em geral essas posições se opõem às idéias essencialistas e deterministas. Para muitos estudiosos, contudo, é possível dizer que a sexualidade, “implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres” (LOURO, 2007 c, p. 6).

Nos estudos sobre sexualidade, Michel Foucault assume uma posição importante. O filósofo francês estudou profundamente a sexualidade e o seu papel na sociedade. Foucault descreve a sexualidade da seguinte maneira:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1988, p. 116/117).

Considerando os pensamentos de Michel Foucault, Louro (2007 c) constata que a sexualidade pode ser entendida como historicamente surgida, produto de uma certa cultura, que está sempre mudando, é instável, provisória e aparece em muitas variações. Foucault (1988) trabalha com o assim chamado *dispositivo da sexualidade*, que analisa no seu livro *História da sexualidade 1*,

“a partir da carne, dentro da concepção cristã; seu desenvolvimento através das quatro grandes estratégias que se desdobraram no século XIX: sexualização da criança, histerização da mulher, especificação dos perversos, regulação das populações; estratégias que passam todas por uma família que precisa ser encarada, não como poder de interdição e sim como fator capital de sexualização” (FOUCAULT, 1988, p. 124/125).

Ele assim descreve os pontos principais que constituem o seu pensamento de *dispositivo da sexualidade* e se dedica, mediante eles, a examinar nitidamente a história da sexualidade. Com *produção da “sexualidade”* o autor postula que a sexualidade não é dada pela natureza, ela é produzida muito mais através de estratégias de saber e poder, como, por exemplo, na medicina e na política, e assim funciona como ferramenta de controle. Aqui entra outro pensamento vital de Foucault (1988), aquele sobre o poder. O poder, para ele, não domina de cima para baixo, não se dirige em uma direção só, o poder encontra-se em todos os lugares, flui em todas as direções e não existe fora das relações sociais. A sexualidade, bem como o conceito de gênero são campos onde o poder não somente aparece, mas também onde ele passa, se exerce e, enfim, se produz.

Um exemplo para ilustrar a relação de sexualidade e poder é o texto *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality* de Gayle Rubin (1999). A autora mostra como o sexo é usado na política para fins de repressão e dominação. Ela coloca em evidência a posição da cultura moderna em relação à sexualidade, que parece, em seu olhar, bastante farisaico e que menospreza e subjuga todos os sujeitos que possuem uma orientação sexual fora do padrão definido como “normal”. Ela menciona, entre outros assuntos, a pedofilia, homossexualidade, sadismo, transvestidos e voyeurismo, e provoca o leitor, já que não condena *nenhuma* dessas preferências sexuais. Seu argumento é de que o sexo é institucionalizado e está formando sociedades não em função de necessidades biológicas, mas sim por normas sociais. Hoje em dia, a sexualidade somente é completamente aceita para reprodução e se for praticada em monogamia. Além disso, a autora percebe que existe uma hierarquia dos atos sexuais e das identidades sexuais, bem como a idéia de um perigo sexual e a falta de um olhar benevolente na variedade sexual. Ela traz alguns exemplos como a legislação (nos Estados Unidos, mas certamente em outros países também) contra a sexualidade da criança, que não podem ver imagens ou filmes de conteúdo sexual, ou a proibição de comércio sexual, que assim atrapalha a livre expressão da sexualidade. Deste modo ela mostra a moral dupla da sociedade, pois é permitido mostrar imagens da guerra com corpos feridos para crianças e se pode expressar-se livre sobre religião ou política sem consequências. Resumindo, esse texto mostra que a sexualidade não é mais um assunto da vida pessoal, pois foi utilizada com fins de agir publicamente e reprimir certos grupos de pessoas.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> para este resumo, também conferi a página web “Keywords for American Cultural Studies”:  
[http://depts.washington.edu/keywords/wiki/index.php?  
title=Thinking\\_Sex:\\_Notes\\_for\\_a\\_Radical\\_Theory\\_of\\_the\\_Politics\\_of\\_Sexuality](http://depts.washington.edu/keywords/wiki/index.php?title=Thinking_Sex:_Notes_for_a_Radical_Theory_of_the_Politics_of_Sexuality)

Para a escola e para o currículo se pode argumentar como supramencionado com o conceito de gênero: é importante admitir incerteza, dúvidas, contradições e lidar com isso de uma maneira interrogativa, questionando a ordem social atual. Quanto às identidades, como lembra Louro (2007 c), elas são múltiplas e muitas vezes contraditórias, e se reúnem em uma pessoa só e, conseqüentemente, se tornam obsoletas as categorias de identidade fixas válidas até hoje. As assim percebidas identidades desviantes do “normal”, ou como Rubin (1999) diria, as identidades que ficam em uma posição baixa na hierarquia, por exemplo as identidades homossexual ou transexual, merecem ser incluídos dos pensamentos e ações dos educadores. A área dos estudos gays e lésbicos, como afirma Deborah Britzmann (1996), oferece a oportunidade de ocupar-se com a própria sexualidade e perceber que ela é construída, como também oferece um olhar diferente sobre o que influencia a imaginação sobre a sexualidade do outro. A autora sugere a problematização e pluralização na educação, para que seja possível repensar as representações e discursos sobre identidade, saber e poder cultural que circulam dentro das escolas. Ela requer pedagogias que incluam todos (e todas) e que se preocupem em produzir discursos menos normalizadores, especialmente em relação aos corpos e gêneros.

### **4.3 Corpo**

A confrontação das ideias sobre natureza e cultura surge também quando se trata de entender o conceito de corpo. Meyer e Soares (2008) por exemplo entendem que o corpo se encontra “na interseção entre aquilo que herdamos geneticamente e aquilo que aprendemos quando nos tornamos sujeitos de uma determinada cultura” (p. 9). As autoras colocam em destaque que o corpo muitas vezes é vivenciado como ambíguo e conflituoso, sendo sujeito às relações de poder e ao controle, ao mesmo tempo em que é fonte de prazer, gozo e libertação. Goellner (2008) afirma que o corpo é cultural e historicamente construído e produzido. Como ele é definido e percebido depende de dois fatores: do tempo com as suas modas e pensamentos atuais, e do lugar ao qual pertencem essas noções com as suas características culturais específicas como, por exemplo, hierarquias sociais e valores tradicionais. Isso significa que ele não pode ser entendido como universal ou existente fora de uma certa cultura

de um certo tempo. O corpo, para a autora, é muito mais algo provisório, mutável, instável e susceptível ao espírito da época.

Outro aspecto importante é que “Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno” (GOELLNER, 2008, p. 29). A autora se refere, com isso, à roupa e aos acessórios que são utilizados para adorná-lo com o intuito de expressar individualidade, bem como às intervenções que nele se fazem, os sentidos a ele são atribuídos e a sua educação. Neste contexto vale ressaltar que a linguagem, como em outros contextos, tem um papel importante na construção das idéias sobre o corpo, pois não somente reflete o que se entende sobre ele, mas também cria entendimentos e noções.

Uma das abordagens teóricas através das quais Goellner (2008) está examinando o conceito de corpo são os Estudos Culturais, que pretendem desnaturalizá-lo, mas ao mesmo tempo reconhecem que existe uma materialidade biológica. Esse componente biológico, porém, não chega a ser decisivo na hora de construir o entendimento sobre o corpo. Em vez disso, o objetivo dos Estudos Culturais é questionar e repensar as noções que atualmente permanecem como verdadeiros ou naturais, bem como desafiar o essencialismo que existe em relação à uma dada natureza do corpo.<sup>7</sup>

Michel Foucault, como lembra Goellner (2008), estuda o poder que é investido no corpo e percebe o desejo da sociedade moderna de controlá-lo. Por isso Foucault não trabalha explicitamente com o corpo, ele muito mais examina as práticas e as relações sociais que produzem o que se entende por ele atualmente. Foucault vê no corpo o ponto inicial do controle da sociedade sobre os indivíduos. Ele chega à noção que, hoje em dia, o controle não funciona através de um sistema de controle–repressão como nos séculos passados, mas muito mais através de um sistema controle-estimulação, pois o esforço para se adquirir um corpo bonito é altamente valorizado pela sociedade e traz muitas vantagens na vida social.

Hoje em dia, como já no século XVIII, a aparência e o rendimento se encontram no foco das idéias sobre o corpo. Surgem hierarquizações da aparência corporal, por exemplo da cor da pele ou do sexo da pessoa, mas também se avalia uma pessoa através do cuidado que ela dá ao seu próprio corpo. O resultado do cuidado pode ser, por exemplo, um corpo limpo, treinado e musculoso, magro, jovem, de dentes brancos, bronzeado, saudável, maquiado, esmaltado etc. A indústria de tecnologias de beleza e alteração do corpo de acordo com o ideal influencia cada vez mais o comportamento e as valores das pessoas.

<sup>7</sup> Parece interessante apontar que a “natureza” do corpo pode ser entendida de várias maneiras bastante diferentes. Goldenberg (2006) nos fala da Grécia Antiga, onde o corpo era considerado ter um sexo único, o corpo feminino era entendido como um corpo masculino imperfeito, mas em essência igual a ele, pois os órgãos genitais eram considerados os mesmos, os do homem aparecendo fora e os da mulher se escondendo dentro do corpo.

Observa Goellner (2008): “o corpo é o local primeiro da identidade, o lócus a partir do qual cada um fala do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos” (p. 39). Meyer e Soares (2008) descrevem o corpo como projeto pessoal, no qual as fronteiras entre saúde e beleza se apagam cada vez mais. Opera um sistema de poder e controle do corpo, incluindo a auto-regulação pelos próprios indivíduos, mas também existe a obrigação de ser satisfeito e sentir prazer com o corpo. Atualmente, a individualização das pessoas se mostra uma das características mais valentes da nossa sociedade, com o corpo funcionando como uma espécie de barômetro, que permite aos outros lerem o estado do esforço e da dedicação do indivíduo para consigo próprio. Por isso pode-se concluir que a produção do corpo acontece tanto no individual quanto no coletivo. Goellner (2008) ressalta que a cultura não nos domina estritamente, entramos muito mais em um jogo com ela, tendo a escolha de ou nos submeter aos sistemas que nos operam ou resistir deles, negociar com eles ou até deliberadamente transgredi-los. Resumindo, resta constatar que se entrelaçam autonomia e controle na noção da nossa sociedade sobre o corpo, o que resulta na busca do prazer, mas também exige disciplina e dedicação.

A saúde e o bem estar do sujeito, a serem atingidos através de intervenções disciplinares, são preocupações tanto da medicina quanto de instituições de ensino. Especialmente a escola possui a possibilidade de influenciar e modular crianças e jovens desde cedo. Assim, alguns entendem que valores morais e hábitos definidos podem ser “plantados praticamente nas raízes” para depois contribuir a “fortificar a sociedade cotidiana”. O ensino relacionado ao corpo nas escolas se ocupa principalmente com a maneira de se alimentar, se exercitar, se vestir e se postar, dizem Meyer e Soares (2008). As autoras também se referem à estudiosa bell hooks, que afirma que, na sala de aula, somente se presta atenção à mente dos alunos e assim se desconsidera que eles também possuem corpos. Mas esses corpos fazem parte de um conjunto complexo de comportamentos e regulamentos sociais, que podem trazer uma série de dificuldades para os seus proprietários, especialmente para sujeitos que estão crescendo e aprendendo sobre o mundo.

Enquanto em muitos estudos sobre gênero, sexualidade e corpo se pretende tirar o foco do corpo e suas propriedades “naturais” ou físicas para direcionar o olhar aos processos que fazem com que a biologia sirva de justificativa para certos comportamentos e posicionamentos sociais, na escola se trabalha ainda com a noção do “normal” e fixo (ver Meyer *apud* Meyer e Soares, 2008). Existem classificações e diferenciações que são implementados com uma certeza absoluta, propagando um só modo de ser masculino ou feminino e um único modo sadio de viver a sexualidade. O corpo, como também o gênero e a

sexualidade, é tomado como entidade universal e natural, que tem que ser vigiado constantemente, e para isso a escola possui ótimas condições.

O pensamento mais importante, que seria de grande utilidade ao introduzir no dia-a-dia escolar, é que o corpo, como também a sexualidade e o gênero, inclui uma variedade de valores, comportamentos, normas e verdades, que são em si conflitantes e que não podem e não precisam ser conformados. Como já foi mencionado acima, é necessário admitir, tanto nas escolas como pelos professores, incertezas, dúvidas, várias possibilidades de ser e tratar de entender os processos que operam na produção das noções de “natural” e “normal”. Seria útil também dirigir a atenção para qual papel o corpo ocupa no cotidiano escolar e quais corpos são admitidos e quais são menosprezados ou até escondidos. É necessário lembrar que as identidades, especialmente através do corpo, são construídos na cultura e possuem caráter fluído e instável.

## 5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo tratará do método deste trabalho que se insere na linha de pesquisa pós-estruturalista. Inicialmente serão definidas compreensões básicas a respeito da pesquisa pós-estruturalista, da análise cultural e visual, bem como será descrito o andamento do trabalho em questão com todas as suas considerações.

### 5.1 A pesquisa pós - estruturalista

É necessário, primeiramente, entender como se faz uma pesquisa pós-estruturalista e quais são seus objetivos e métodos. Para isso cabe começar com a forma através da qual a pesquisa se realiza. Segundo Meyer/Soares (2005) dentre os objetivos da pesquisa pós-estruturalista em educação incluem-se o de deixar procurar certezas e, ao invés disso, aceitar e lidar com limites e incertezas, bem como evitar conclusões decididas e reconhecer que há várias “verdades” simultaneamente, muitas vezes para a mesma pessoa. Além disso, como afirmam as autoras, é vital acolher que o que se normalmente considera verdadeiro ou natural é mera construção de uma determinada sociedade ou cultura.

É importante entender que sempre falamos e operamos de certos “lugares” (vide Meyer/Soares, 2005), que são mutantes e nunca estáveis, e que, através de nossa pesquisa, vamos chegar a outros lugares que constroem o conhecimento que produzimos. Em caso extremo, é previsto termos que descartar tudo que aprendemos para abrigar novas realidades a serem descobertas. A linguagem terá um papel crucial neste processo de pesquisa, e assim na identificação e diferenciação, na construção do nosso entendimento do mundo, criando hierarquias, utilizando binarismos que nos parecem naturais, como por exemplo o binarismo homem/mulher. Meyer e Soares (2005, p. 40) afirmam:

É, então, na linguagem que se constroem os “lugares” nos quais indivíduos e grupos se posicionam ou são posicionados por outros, é nela que operam os sistemas simbólicos que nos permitem entender nossas experiências e definir aquilo que nós somos ou pensamos ser.

Nesse mesmo sentido Louro (2007) salienta a importância da linguagem nos estudos pós-estruturalistas, pois neste olhar a linguagem não somente é considerada como meio descritivo, mas também constitutivo. O modo de apresentação de pesquisas pós-estruturalistas se orienta no questionamento ao invés de apresentar conclusões ou respostas decisivas com o objetivo de ceder à autoridade do pesquisador e incentivar uma participação mais ativa do leitor. A autora alerta que este modo de formular textos científicos pode ser criticado, pois não se encaixa na forma tradicional de fazer ciência. Por outro lado o questionamento aos invés de respostas mostra claramente a atitude pós-estruturalista de se abrir para a diversidade e as incertezas.

O entendimento básico é o de que não existe uma resposta única, mas sim a possibilidade de alguém ou algo seja várias coisas simultaneamente, mesmo quando contraditórias. Essa visão contesta a existência dos binarismos tradicionais e se recusa a operar com tabelas e outras marcas de categorias fixas. A questão central do poder, continua Louro (2007), trata de se indagar sobre onde se encontra e movimenta o poder, como ele acontece e descobrir e descrever as relações de poder em uma determinada sociedade. Assim, as dicotomias tradicionais são descritas com um olhar no seu surgimento e funcionamento em relação ao poder (e a resistência) que a elas é imanente.

Escrever, e com isso pesquisar, de uma maneira pós-estruturalista, significa, como Louro (2004) descreve em outro lugar, não ter uma estrutura fixa, mas a tentativa de questionar e experimentar, e além disso procurar a dissensão que muitas vezes parece ser mais produtiva do que o consenso ao estimular a discussão. Ser coerente com escolhas na escrita e na pesquisa se mostra central. No entanto, cabe lembrar que a linguagem tem um caráter fluido e escapa facilmente e, por isso, recomenda a autora, um texto pós-estruturalista deve ser produzido com atenção e esmero.

A presente pesquisa pós-estruturalista realiza uma combinação de análise cultural e visual. Estas seguem a definição e os pressupostos básicos a respeito dos dois métodos para depois facilitar a descrição do procedimento da pesquisa.

## **5.2 Análise cultural**

A análise cultural procura pesquisar a cultura como prática cotidiana, e é importante destacar que não se vê mais uma contraposição entre cultura popular e alta cultura. Cultura, nos estudos culturais, é entendida como qualquer prática que faça sentido.<sup>8</sup> Nos seguintes parágrafos serão ilustrados alguns pressupostos básicos sobre o conceito de cultura no olhar dos estudos culturais, para depois descrever a pretensão de uma análise cultural.

Uma ação social é significativa (ou se pode dizer: faz sentido) , para as pessoas que a praticam, mas também - e aqui é possível entender um pensamento básico dos estudos culturais – é significante (*constrói* entendimento), para as pessoas que a observam. Hall (1997) explica que existe uma variedade de sistemas de significação que nos ajudam a organizar as nossas relações com outras pessoas e que, portanto, nos fazem sentido.

Nossas identidades, por exemplo, são produzidas na cultura. O autor mostra que existem várias diferentes explicações, até mesmo contraditórias, para o mesmo fenômeno cultural, com a probabilidade de que esse fenômeno nunca seja completamente descrito. As pessoas que não se encontram representadas em nenhuma descrição tendem a sentir-se excluídas e, por isso, com desejo de criar uma nova política de identidade para manifestar o seu entendimento do fenômeno, ou a optar por uma opção já existente que se aproxime das próprias ideias. Neste caso, eles entram no processo de identificação com essa opção e logo se aproximam de ser cada vez mais uma pessoa que pode se identificar completamente com a opção escolhida. Este processo de representação e identificação ilustra como se constrói a identidade: não naturalmente e de dentro de uma pessoa, mas no debate e na análise de conceitos e definições já existentes.

A linguagem adquire um papel central na criação e veiculação de significados. Ela não é considerada mais somente como responsável por reproduzir fatos, como também o de os constituir. Essa noção é chamada “virada cultural”, como descreve Hall (1997). Ele afirma que os objetos existem sem linguagem, mas é nela que se classifica o que são e o que deles se entende. Consequentemente, as coisas somente adquirem significado em um certo sistema de significação. O resultado é uma virada no pensamento: Ideias tomadas como fixas e naturais são agora discutidas e contestadas. Mas é necessário, lembra Hall (1997), reconhecer que não é que nada exista sem a cultura, mas que ela influencia ou, mais do que isso, dá sentido a toda a prática social.

O conceito de representação assume outra posição destacada na perspectiva pós-estruturalista. A representação, conforme descreve Silva (1999), é o modo como uma certa realidade se torna presente para as pessoas, ela “é a face material, visível, palpável, do

---

<sup>8</sup> Isso foi discutido por Luís Henrique Sacchi dos Santos no seminário sobre análise cultural na Especialização do GEERGE.

conhecimento” (Silva, 1999, p. 32). A representação, assim como qualquer outra coisa, recebe seu sentido na sua pertença a um sistema de significação. Na análise cultural o conceito de representação se baseia nas ideias de Michel Foucault, entre elas o conceito de discurso. Especialmente o caráter produtivo do discurso também vale para a representação. Ela não só representa algo, mas também cria sentido através dos signos que a constituem. O objetivo da análise cultural é pesquisar aquilo que é *reconhecido* como realidade, como também examinar a relação entre representação e poder.

Outro objetivo da análise cultural, como afirma Maria Lúcia Wortmann (2002), é questionar as categorias muitas vezes chamadas “naturais” e assim mostrar como as relações sociais são entendidas como resultados de um processo de evolução considerado neutro e ininfluenciável em si mesmo. Por isso o foco é de visibilizar, através das pesquisas conduzidas, como as circunstâncias se apresentam, ao invés de buscar suas causas.

Uma análise cultural geralmente não se localiza, continua Wortmann (2002), em um único campo de conhecimento, oferecendo assim a liberdade de não ser necessário ancorar uma pesquisa em uma única área, com o efeito de obter resultados mais amplos que dificilmente apareceriam em análises tradicionais. Mesmo fazendo parte de um modo de análise abrangente, todos os trabalhos realizados nos estudos culturais têm em comum a aspiração de examinar práticas culturais sob o olhar de seu abarcamento com e nas relações de poder.

Além disso, a autora menciona as relações entre linguagens, representações, discursos e produção de significados como essenciais dentro das análises culturais. Para ela as linguagens e sua produção de significados são as medidas através das quais os sujeitos têm a possibilidade de compartilhar entendimentos e conhecer o mundo de forma semelhante, sendo assim participantes da mesma cultura, capazes de se comunicar com sucesso.

O significado e a representação, argumenta Wortmann (2002), mudam continuamente ao longo do tempo e novos significados e interpretações surgem ou substituem os mais antigos. As representações, portanto, não só representam algo já existente, como também participam ativamente na construção de sujeitos e grupos sociais.

No presente trabalho se pretende incluir tais noções na análise das escritas e imagens nos banheiros, entendendo-as como representações que ao mesmo tempo descrevem e constituem as ideias/consciências das alunas e alunos que as produziram e que leem estes textos e imagens. Essas manifestações são entendidas como um instantâneo da situação no momento em que foram produzidas e sob essa perspectiva serão analisados.

### 5.3 Análise visual

A análise visual se enquadra perfeitamente no que se entende por estudos culturais, que descrevem a cultura como o meio mais importante para a compreensão da vida social. Gillian Rose (2007) afirma que o visual adquire uma posição central na construção da vida social em nossa sociedade, salientando que atualmente muitos significados se veiculam de uma maneira visual. Rose (2007) introduz o termo “ocularcentrismo” para descrever o quanto a visualidade é central para a nossa sociedade ocidental. Isso se mostra até mesmo na linguagem, já que existem muitas expressões com vocabulário da área visual (p.ex. “Vamos ver o que acontece”, “Você vê?” etc.), assim o ver e o saber estão intimamente relacionados. Existe uma forte tendência de acreditar no que pode ser visto ou representado visualmente. A construção do conhecimento se baseia cada vez mais no visual e é crucial contemplar a importância da vigilância na sociedade pós-moderna, tema abordado por Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (ver ROSE, 2007, p. 3).

Segundo Rose (2007) existem várias tecnologias que ajudam a representar formas de ver do mundo. É importante lembrar que esses veres não são neutros e inevitavelmente já transmitem uma interpretação do que apresentam. Por isso a autora diferencia entre visão e visualidade. A palavra “visão” representa o que os olhos podem ver fisicamente, enquanto “visualidade” significa que a visão é construída culturalmente, o que nos vemos e como o vemos é diretamente influenciado pelo nosso entendimento do mundo.

Na análise de imagens, continua a autora, vale dar atenção ao fato que o visual não é equivalente a uma língua. Muitas vezes imagens são acompanhadas de algum texto falado ou escrito, que igualmente deve ser analisado. Alguns métodos de análise visual trabalham mais com a linguagem do que com as próprias imagens. Outro pensamento importante é que as imagens visualizam diferenças sociais. A partir de uma imagem se pode entender como as hierarquias e diferenças estão organizadas, a imagem possivelmente oferece pontos de vista bastante distintos sobre categorias sociais como, por exemplo, gênero, sexualidade e classe social. Quanto aos modos de ver e examinar imagens é vital lembrar-se do papel do espectador e sua relação com a imagem. Rose (2007) afirma: “Assim o ver uma imagem

sempre se dá num contexto social particular que media seu impacto. Também sempre se dá numa localização específica com suas próprias práticas particulares.” (ROSE, 2007, p. 11)<sup>9</sup>

Para uma análise crítica das imagens a autora recomenda sempre levar as imagens a sério e examiná-las com cuidado, sempre dando atenção às suas circunstâncias sociais e seus possíveis efeitos visuais. Ela também sugere que não se deve esquecer de refletir a respeito da forma particular do espectador/pesquisador de observar as imagens. Ferramentas metodológicas, para ela, são a consideração da tecnologia, como é produzida a imagem, o aspecto composicional, que trata do conteúdo, da distribuição do espaço e uso de cores, bem como o contexto social, por exemplo, econômico ou político. As circunstâncias da produção adquirem assim grande importância.

Outro ponto essencial para a análise visual é a teoria do autor. Ela discute a importância do autor da imagem no processo de análise da mesma. Tradicionalmente sempre se pensou nas intenções do autor ao produzir a imagem. Atualmente esse ponto não possui maior relevância na análise de imagens. Rose (2007) menciona a proclamação da “morte do autor” de Barthes (*apud* Rose, 2007, p. 19), que manifesta a insignificância do autor. Mais importante do que o autor, a produção ou a própria imagem é o público espectador e seus modos de ver e entender a imagem.

Uma consequência dessa ideia resulta no conceito de *audiencing*. O *audiencing* é a maneira ou as circunstâncias nas quais o espectador contempla a imagem, p.ex. em casa, em um museu, com toda a sua concentração ou com a atenção dispersa etc. A composição da imagem também influencia o público. Além disso, há o aspecto social do *audiencing*, que se mostra no fato que as práticas sociais determinam o ver das imagens na medida em que elas também influenciam quando e como o espectador olha a imagem. As identidades sociais dos espectadores adquirem assim um papel importante no *audiencing*, pois diferentes públicos entendem as mesmas imagens de modos bastante distintos.

Na escolha do tipo de análise visual que se adequaria mais à análise do material da pesquisa presente foram considerados vários aspectos. Como a análise de grafitos nos banheiros deve ser não somente uma análise visual, como também abranger uma análise textual, se optou por um método também utilizado na análise de textos: a análise de conteúdo. Neste caso dois tipos de imagens se sujeitam a essa análise: as que se encontram nas paredes dos banheiros - sejam elas escritas ou desenhos, sempre possuem aspectos de composição passíveis de avaliação – e as fotos dos grafitos nas paredes obtidas para a pesquisa. Além disso não se trata somente de uma imagem a ser analisada, mas sim de um conjunto de 58

---

<sup>9</sup> Para a tradução do citado foi usado a versão portuguesa do livro.

fotos. A seguir será descrito o método de análise de conteúdo, justificando porque se mostrou ser a forma mais adequada para a análise do material do presente trabalho.

### **5.3.1 Análise de conteúdo**

Segundo Rose (2007) a análise de conteúdo originalmente foi desenvolvida com o intuito de abordar textos falados e escritos. Se trata de um método quantitativo com aspectos qualitativos. A análise de conteúdo pretende ligar os dados da pesquisa com um amplo contexto cultural, no qual eles surgiram. Primeiramente os estudos de análise de conteúdo trabalham intensamente com números, utilizando-os como argumento, mas também podem entrar em jogo interpretações qualitativas para entender o que poderia estar por trás dos números. Nesse caso, o pesquisador corre facilmente o risco de acabar procurando somente por resultados que ele já conhece. Por esse motivo existem regras que o obrigam a explicar minuciosamente como a pesquisa foi conduzida e assim garantir um alto nível de transparência.

A análise de conteúdo, como afirma a autora, consiste em calcular a frequência de certos elementos visuais em uma amostragem claramente definida, o que se mostra bastante útil para a análise de um número muito grande de imagens. Todas as imagens relevantes para a questão da pesquisa devem ser utilizados pela análise de conteúdo. Neste processo de trabalho com grandes quantidades de imagens é vital que a seleção da amostragem seja representativa e significativa. Existem diversas possibilidades para realizar isso. Na pesquisa presente foi escolhido o método de *cluster*, que significa escolher um grupo de imagens e selecionar a amostragem somente desse grupo. Vale ressaltar que este trabalho, devido a sua extensão, é um sucinto projeto que abrange uma pequena amostra de um determinado local.

O passo seguinte após a seleção da amostragem é a codificação das imagens. Isso significa que é necessário encontrar categorias para codificá-las. O que aqui se entende por codificar é colocar categorias descritivas nas imagens e, para com isso, definir a qualidade da pesquisa. Rose (2007) salienta que as categorias devem ser objetivas e descrever somente o que se encontra na imagem ou no texto. As categorias de codificação devem ser exaustivas e incluir todos os aspectos visíveis em cada imagem, mas também ser exclusivas e não devem se cruzar nos mesmos pontos. Além disso, as categorias devem oferecer *insights* interessantes

e coerentes. É uma tarefa bastante complexa obter categorias de codificação que cumpram todas essas exigências. Para serem válidos, os códigos devem fazer parte de uma conexão teórica entre a imagem e seu contexto cultural mais amplo. As categorias podem ser derivadas do contexto teórico da pesquisa, bem como das ideias que surjam durante a análise das imagens, aspectos que pareçam interessantes, extraordinários ou inesperados. Como o objetivo da pesquisa presente é um pouco diverso, o procedimento varia nesse ponto. A pesquisadora é consciente que existem mais temáticas do que as que serão analisadas. O foco se aplicará a três pontos escolhidos: corpo, gênero e sexualidade. O objetivo não é uma análise abrangente de tudo que apareça nas paredes dos banheiros, mas sim um olhar através de “lentes” específicas. Dentro dessas três temáticas, porém, serão procurados códigos que apareçam com elas. Desta forma o procedimento se aproximará novamente do procedimento da análise de conteúdo.

A ideia da análise de conteúdo é que ela deve ser replicável, ou seja, qualquer pesquisador deve poder chegar ao mesmo resultado com o mesmo material de dados. Para isso, os códigos precisam ser definidos detalhadamente e se recomenda um estudo piloto com vários pesquisadores. Isso não corresponde à ideia da presente pesquisa, pois se crê que o olhar de cada pesquisador pode variar e se trabalha com a consciência de que se deve considerar a história e a experiência da personalidade própria do pesquisador. Em essência esta pesquisa pretende ser unicamente qualitativa, mas parte do procedimento de análise de conteúdo, que sobretudo é considerado um método quantitativo, serve para lidar com o material presente que é simultaneamente texto e imagem e consiste em um número elevado de ilustrações.

Na análise dos resultados, os códigos, como descreve Rose (2007), devem ser contados para que assim se possa medir a frequência, que pode ser comparada com outros valores como, por exemplo, o tempo. Após isso inicia-se o procedimento qualitativo, pois é necessário que os números obtidos façam sentido em um entendimento contextual. O atual estudo é relativamente pequeno e não pretende fazer cálculos e comparações, mas sim pretende obter alguma ideia se determinadas temáticas surgem mais frequentemente do que outras. Aqui Rose (2007) alerta que um frequente surgimento não significa necessariamente que um assunto seja mais importante do que outro menos frequente. E algo que não surge explicitamente nas imagens pode ser bastante significativo.

Para continuar com a proposta da presente pesquisa, segue a descrição do seu modo de atuar e as considerações envolvidas.

#### 5.4 Procedimento da pesquisa

A preparação de meu trabalho de pesquisa com um “estudo piloto” iniciou fotografando as paredes dos banheiros de todos os andares da FACED, com a intenção de encontrar material e refletir sobre como poderia proceder com ele. Foi identificado que os banheiros da FACED, na maioria unissex, têm muitas escritas e desenhos na parede, representando uma variedade de discursos, especialmente políticos e sexuais. Esse estudo piloto me convenceu de que a probabilidade de achar escritas e desenhos em outros banheiros era alta, e que era possível capturar quase todas as escritas, sejam elas em maior ou menor escala, com uma máquina fotográfica padrão em lugares muitas vezes bastante escuros. A qualidade das fotos sempre se mostrou suficiente para, a partir delas, se poder fazer uma análise.

Antes de entrar na “área” preparei uma carta para a direção da escola, informando o nome da universidade, da orientadora e da pesquisadora, apresentando, de uma maneira geral, o projeto de pesquisa e, finalmente, a promessa de manter o anonimato da escola e de todas as identidades que possivelmente poderiam ser identificadas nas escritas. Também deixei meu contato para eventuais futuros questionamentos.

O acesso às escolas se mostrou relativamente difícil, já que primeiramente optei por fazer contato por telefone, o que na primeira tentativa resultou em uma resposta negativa. Sempre tive a impressão que os banheiros são um local delicado para as diretoras, já que elas quase sentem vergonha das pichações nos banheiros e a cada ano é investida uma soma considerável em sua manutenção.

Após isso, decidi ir para às escolas de uma maneira “*drop in*” e falar pessoalmente com as pessoas presentes e descobri que isso se mostrou o melhor procedimento, na medida em que todas as diretoras das escolas abriram as portas e me permitiram entrar nos banheiros e tirar as fotos. Um fato positivo foi o de que o acesso se realizou durante o período de férias, sem alunos presentes que poderiam se sentir incomodados pela presença da pesquisadora. E para esta também se tornou mais fácil poder entrar em todos os banheiros à vontade sem que fosse necessário considerar os usuários. Em todas as escolas recebi informações interessantes sobre o contexto dos alunos e alguns significados das escritas que eu jamais teria deduzido por conta própria. Assim, realizei visita a três escolas em Porto Alegre e além disso entrei no

anexo II da reitoria da UFRGS. A escolha da cidade de Porto Alegre se realizou por motivos de conveniência, já que é o lugar mais próximo.

Na medida em que cada uma das escolas visitadas possui um perfil diferente em relação à idade dos alunos, tipo e nível do ensino e população, se mostrou difícil relacionar e comparar os materiais obtidos, pelo menos em um trabalho de conclusão de curso, que deve ser relativamente conciso. Para a pesquisa presente decidi, portanto, escolher uma escola pública de ensino médio, pois oferece a possibilidade de ligar o material pesquisado com o âmbito da educação dentro de uma escola e com um público que parece interessante em função da idade (adolescência), na qual a sexualidade desempenha um papel importante e predominante. O fato de o lugar ser uma escola pública, permite acesso a um grupo da sociedade que representa uma grande parte da população no Brasil.

No processo de organizar e sistematizar as fotos realizei cópias das frases em um documento de Word para poder analisá-las. Percebi que isso oferece a vantagem de se poder concentrar na fala sem necessitar decifrar as escritas, muitas vezes de difícil compreensão, ou ler num conjunto. Por outro lado, se tornou claro que essa representação das falas peca em um importante aspecto: o visual. Sem ele se perdem informações importantes da representação dessas falas, que também se expressam em sua visualidade, muitas vezes se assemelhando até mesmo a obras artísticas. Além disso, foram encontrados alguns desenhos nas paredes que só podem ser analisados a partir de uma perspectiva visual. Se decidi, portanto, fazer uma análise cultural levando em consideração certos pontos relevantes da análise de conteúdo (visual e textual).

Como trabalhar com o material que assim e por estes motivos foi recolhido? Optei por revelar as fotos digitais, já que assim me pareceu mais adequado o manuseio ao ter a possibilidade de colocá-las lado a lado, formar grupos temáticos ou ver uma parte maior de uma parede como conjunto. Para identificação do local onde foram tiradas as fotos (se no banheiro masculino ou feminino), anexei uma pequena etiqueta no verso de cada uma. Depois procurei onde, como e em qual contexto surgem as três temáticas que decidi utilizar como “lentes”: corpo, gênero e sexualidade. Tentei só descrever isso, usando as pesquisas relatadas e os pressupostos básicos sobre cultura jovem no Brasil, história do grafite e sobre as três temáticas. Maiores detalhes serão apresentados no seguinte capítulo da análise do material selecionado para a pesquisa.

## 6 ANÁLISE DOS GRAFITOS DE BANHEIRO

Segue a análise das fotos dos grafitos de banheiro, que foram tirados na escola de segundo grau escolhida. Serão analisados também a partir de uma comparação entre os banheiros femininos e masculinos, sempre se partindo do pressuposto de que no banheiro masculino os grafitos foram produzidos por meninos e nos femininos por meninas. Sou consciente que isso não se relaciona sempre a 100% dos casos, pois existe a possibilidade de que um menino tenha entrado no banheiro feminino e deixado um grafito e vice-versa. Como nesta escola, porém, há vigilância de corredores durante o intervalo essa possibilidade parece bastante reduzida.

### 6.1 O local

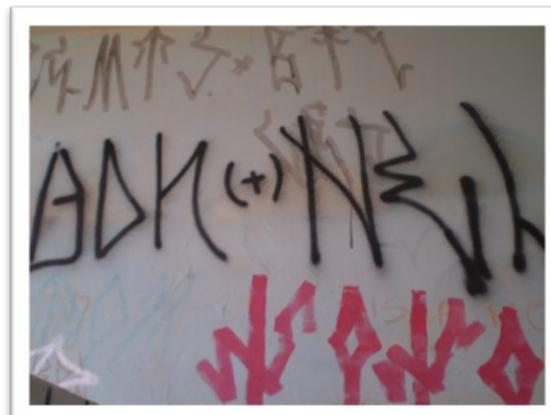
Na escola deste estudo foram pesquisados 4 banheiros, com 8 cabines cada, se trata de dois banheiros femininos e dois banheiros masculinos. Existem mais banheiros na escola, porém eles estavam em processo de renovação durante a coleta de dados.

Os banheiros deixam uma impressão espaçosa, e quase todas as superfícies são repletas de grafitos. Já em um primeiro olhar é possível identificar uma grande diferença entre os banheiros masculinos e os banheiros femininos. Os grafitos nos banheiros masculinos são maiores, ocupam mais espaço, contem um conteúdo bem simples que nunca ultrapassa algumas palavras ou no máximo uma frase, e muitos aparentemente não fazem sentido nenhum (pelo menos para alguém de fora). Parece que se trata de simples “pichação” sem a intenção de transmitir uma mensagem explícita (ver imagens 1 e 2 para ilustração). Nos banheiros femininos, no entanto, encontram-se textos mais complexos, em geral há muita escrita, que as vezes até inclui diálogos, e alguns desenhos, na maioria de conteúdo inteligível. Se traduzíssemos os grafitos em som, os grafitos dos banheiros femininos estariam falando, conversando, tagarelando, chamando, xingando, gritando, rindo enquanto nos banheiros masculinos permanece um grito pouco articulado com algumas frases de xingamento ou de

declaração de amor aparecendo as vezes, e um sussurro oferecendo serviços sexuais. Se pode dizer que as poucas frases que se encontram chamam mais atenção, mas no final das contas permanece a sensação esquisita de ter percebido um espécie de silêncio, já que pouco foi expressado.



1



2

Imagens 1 e 2, banheiro masculino.

Exemplos de “pichação” nos banheiros masculinos, que mostram algo que poderia ser assinaturas. Se usam cores e muito espaço, mas não se transmite uma mensagem mais explícita.

Essa impressão de comportamentos diferentes me lembra da observação de Goldenberg (2006), que destacou que as mulheres do seu estudo gostaram muito de falar sobre a sua situação e seus problemas, enquanto os homens ficaram em silêncio. Uma de suas explicações era a de que homens tem que se mostrar fortes e não cabe, para eles, falar sobre eles mesmos, sobre seus sentimentos e problemas. Ahmed (1981) já observou no Canadá que meninas fazem mais uso de grafitos do que meninos.

Barbosa (1984) constata que tudo que aparece nos grafitos de banheiro faz parte do excluído, ou seja não é (e não pretende ser) discutido fora do banheiro. O que isso poderia significar neste contexto aqui? Que os meninos discutem seus assuntos em outros lugares?

Essa diferença entre os banheiros masculinos e femininos se mostra importante para a pesquisa, pois influencia as comparações do conteúdo dos grafitos. Se torna problemático comparar os poucos grafitos inteligíveis dos meninos com a relativa multidão dos grafitos das meninas. Ou, se pode afirmar que a maioria dos grafitos analisados são de autoria feminina.

Na seção seguinte se examina o conteúdo dos grafitos de banheiro, sempre focando os três pontos de interesse, os conceitos de corpo, gênero e sexualidade, que funcionam como um molde.

## 6.2 Corpo

Primeiramente, serão coletadas as palavras usadas para as diferentes partes do corpo. Se procuram também palavras que parecem ligadas ao corpo e depois se analisa em qual contexto elas aparecem, bem como os desenhos que lidam com o assunto de corpo.

As partes mais nomeadas do corpo foram o ânus e a nádega. Comparece a palavra “cu/cú”, usado por meninos e meninas, mas surge com mais frequência nos banheiros masculinos. No banheiro masculino a palavra surge como xingamento: “Pisca no cú troxa!”<sup>10</sup> e num contexto provavelmente homossexual: “Dou cú ...” (ver imagem 8). No banheiro feminino comparece como parte de uma mensagem escatológica: “Aqui, um cu caga”. Se encontra palavra “bunda” também, desta vez como parte do xingamento: “Pixa na bunda, filho da puta”. Aqui a nádega e o ânus servem principalmente como representante do insulto, como uma região menosprezada do corpo.

O pênis é descrito como “pau” no banheiro feminino, as duas vezes que ele aparece é em um contexto sexual e aparece as duas vezes em conjunto com as palavras “grosso” e “grande” (ver imagem 2). No banheiro masculino, no entanto, ele não surge explicitamente. Mas é possível deduzir que se trata dele na oferta “...chupo na camufla pago *bem dotadeis*” (imagem 8), que permite presumir um contexto sexual em conjunto com o assunto do tamanho também. No banheiro feminino aparece “e chupa a minha bola”, que muito provavelmente se refere ao testículo e a um ato sexual. Chama atenção que a conotação do pênis é positiva, mas parece que ele precisa ser grande para merecer isso.

A vulva/vagina se encontra somente nos banheiros femininos. É nomeada “pereréca”, faz parte de uma mensagem sobre sexo e é descrita como “vermelha” de fricção (imagem 4). Num outro lugar ela aparece como “laguinho”, neste caso somente se pode assumir que se trata da vagina, pois faz parte de um jogo de palavras: “Patinho, vem cá nadá nú meu LAGUINHO” (imagem 3). Se o patinho se refere exatamente ao pênis já não me atrevo a presumir, pois me parece também possível de que essa palavra se enderece, por exemplo, a uma pessoa. As palavras usadas para a vulva e a vagina veiculam uma sensação meiga a atenuante, descrevendo-as de uma maneira positiva, mas como algo suave ou fraco.

---

<sup>10</sup> Todas as escritas anotadas neste trabalho são representadas como no original, com a ortografia e letras maiúsculas e minúsculas.

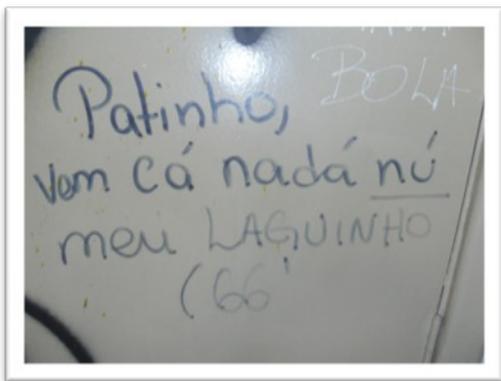


Imagem 3, banheiro feminino

Neste grafito se encontra um convite a alguém, que esteja nu, para nadar no “laguinho”. A mensagem faz pensar em uma pessoa em busca de prazer.

Resumindo, se pode afirmar que a maioria das palavras para partes de corpo se referem aos órgãos sexuais ou a partes que se relacionam com sexo, como a nádega. O contexto na maioria das vezes é, portanto, sexual. Chama atenção o fato de que as expressões que se referem ao pênis sempre vem acompanhadas de palavras que dizem respeito a seu tamanho. Parece que os autores e autoras ligam o prazer sexual diretamente ao tamanho do pênis. Se relembra a pesquisa de Goldenberg (2006), que destacou entre as preocupações dos garotos a crença de que um pênis maior significa mais virilidade e mais habilidade sexual.

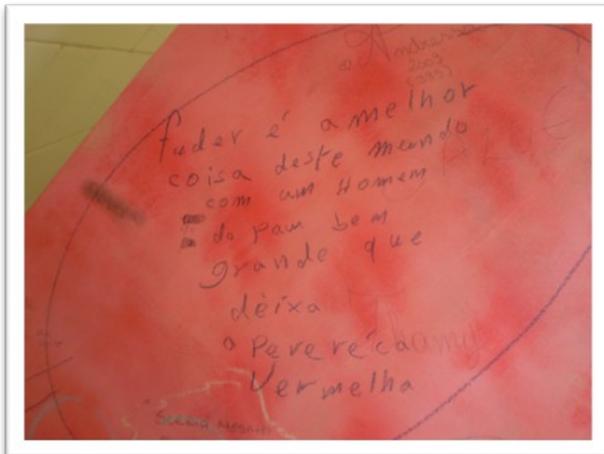


Imagem 4, banheiro feminino

Aqui se mostra um exemplo da importância do papel de um pênis grande. A autora espera dele uma forma de prazer, “a melhor coisa do mundo”. O resultado almejado é vagina vermelha (de dor ou de excitação?) que o pênis grande pode atingir.

Texto: Fuder é a melhor coisa deste mundo com um Homem do Pau bem grande que deixa a perereca vermelha.

Quanto às vaginas/vulvas nos grafitos, elas são ligadas ao prazer também. As palavras “perereca” e “laguinho” sugerem mais suavidade do que o uso da palavra “pau”, que tem uma conotação de força, orgulho e virilidade. O pênis aparece como ativo, que dá à vagina um papel mais passivo, ele a torna vermelha e é ele que se encontra no caminho para a vagina como um foguete, enquanto a mulher está espera passiva (confira imagem 5). Também é possível observar que o pênis aparece muito mais do que a vagina, tanto no banheiro masculino, onde a vagina não aparece, quanto no banheiro feminino.

Nesta pequena amostra afirma-se a minha suposição de que aos órgãos sexuais masculinos e femininos são atribuídas representações diferentes, que cabem bem no par binário clássico de homem/mulher, força/fraqueza, duro/suave e assim reproduzem e reforçam esse mesmo discurso. Se relembramos que o banheiro é considerado um lugar para o excluído, é preciso constatar aqui, que não somente discursos localizados fora do que é considerado “normal” ou apropriado pela sociedade fazem parte dos grafitos de banheiro, também aqui também se reforçam e se reiteram as crenças adotadas pela cultura.

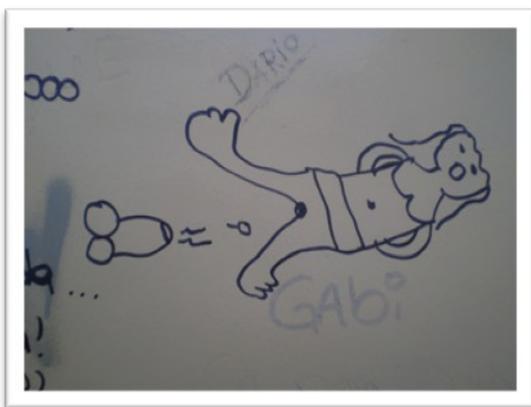
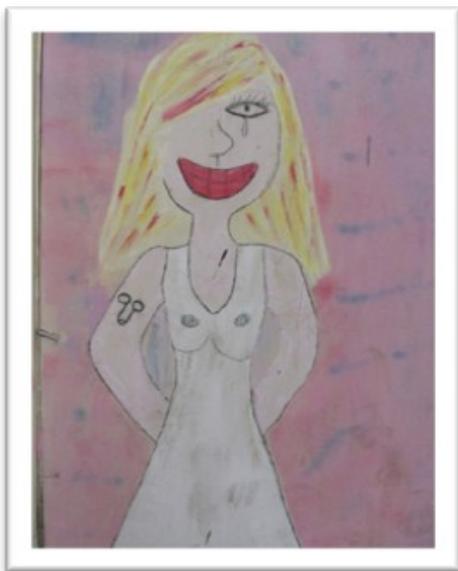


Imagem 5, banheiro feminino

Nesta imagem o pênis parece um foguete rumo à vagina de uma mulher. Se nota que se trata da mulher “inteira”, enquanto o pênis parece ter uma vida própria. Além de ativo, o pênis é percebido como suficiente em si mesmo.

O seguinte grafito do banheiro feminino (imagens 6 e 7) une a temática do corpo e da sexualidade e representa um grafito que foi grande demais para ser ajustado em uma foto. Se trata de uma mulher que veste um vestido branco e, obviamente um tempo depois da produção deste desenho, alguém acrescentou um pênis no seu braço direito, que lembra uma tatuagem. Além disso, foram riscados seios em cima do vestido e mais um pênis no colo, como se realmente fizesse parte deste corpo.



6



7

Imagens 6 e 7, banheiro feminino.

Se trata provavelmente de um jogo com a heteronormatividade e a diversidade sexual. A representação de seios e pênis no mesmo corpo é uma provocação, se foi feita somente por brincadeira ou com a intenção de colocar o assunto em pauta, não é possível afirmar, mas o desenho acaba por receber um toque de transexualidade.

Goellner (2008) lembra que o corpo é cultural e historicamente construído, mas que a cultura pode ser questionada pelo indivíduo, a pessoa pode entrar em negociação com ela e decidir se quer seguir suas regras ou quebrá-las. Na escola, no entanto, existe somente o “normal”, que propaga uma única maneira de ser homem e mulher, bem como um único modo de viver a sexualidade. A transgressão dessa “normalidade”, na escola, logicamente deve acontecer fora da sala de aula, no lugar excluído das paredes do banheiro.

Neste desenho podemos ver um questionamento do que é “normal”, aqui não se reproduz um discurso, se abre um. De brincadeira ou não, se coloca em pauta um corpo, que geralmente é menosprezado, pois se encontra fora do que é considerado padrão. Como bell hooks (*apud* Meyer e Soares, 2008) observa, o corpo dos alunos em geral não é preocupação na sala de aula, a qual parece se concentrar apenas na sua mente. A partir desse corpo se poderia abrir uma discussão, na sala de aula, sobre a variedade sexual, a multiplicidade da identidade e sobre seu caráter fluido. Também se poderia questionar a ordem social de hoje e seria possível trabalhar os processos que fazem com que certos corpos sejam considerados mais normais ou melhores.

### 6.3 Sexualidade

Alguns dos grafitos, que apareceram no capítulo do corpo, também dizem respeito à sexualidade, pois os dois assuntos são entrelaçados, mas essa seção vai tentar manter a concentração em aspectos da sexualidade encontrados nos grafitos de banheiro, já que a sexualidade foi a temática mais abordada deste estudo. Sigl (1993) observou que mulheres produzem o dobro de grafitos sobre sexualidade comparado aos homens, o que também vale para o estudo presente.

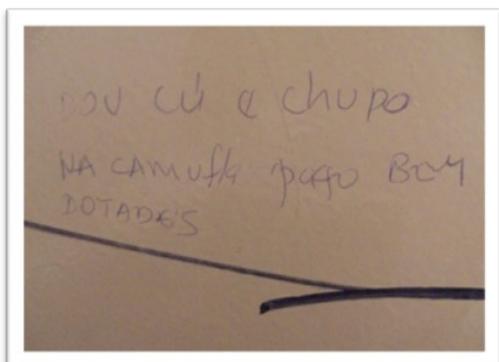
A palavra ligada à sexualidade que mais aparece é “puta”. Ela sempre surge em xingamentos, já que, no senso comum, é bastante pejorativa. Descrever uma mulher que vende seu corpo implica geralmente em um insulto muito pesado. É o palavrão mais usado, aparece mais do que expressões com a palavra “cú”. Discutir isso talvez não caiba neste trabalho, pois a palavra aparentemente funciona como um termo fixo, mas ainda assim ela tem relação com comportamentos sexuais e atribuições culturais. Isso mostra como a ideia de honra e respeitabilidade, ligada ao comportamento sexual de uma mulher, ainda hoje é altamente valorizada. Uma mulher “normal” só faz sexo para a reprodução e quando casada ou enamorada, mas nunca por dinheiro. A palavra aparece tanto no banheiro feminino, quanto no banheiro masculino.

A palavra “fuder” que descreve o ato sexual de uma maneira grosseira, serve para apresentar, aqui nesta pesquisa, o ato sexual num sentido positivo (ver imagem 4), mas também aparece em xingamentos como, por exemplo, em “Vai se fuder cachorra”. Se usa também a palavra mais “neutra” “sexo” para o ato sexual. Vale ressaltar que essas palavras somente foram encontradas nos banheiros femininos.

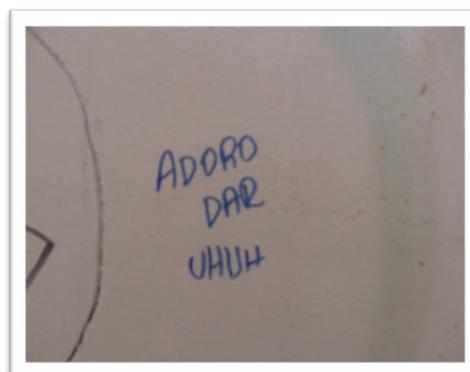
“Chupar” surge tanto nos banheiros femininos quanto nos masculinos e se refere à *fellatio*, em um contexto de prazer “dou cú e chupo na camufla pago bem dotadeis” (ver imagem 8) ou somente para descrever o ato do sexo oral em “e chupa a minha bola”. A palavra “dar”, que descreve a oferta do próprio ânus ou vagina para o sexo, é entendido como ser passivo. Ela somente se encontra no banheiro masculino e é ligada ao prazer: “adoro dar uhuh” (imagem 9).

A seguir a análise das formas de sexualidade nomeadas no banheiro. Chama a atenção o fato de que nos banheiros masculinos explicitamente são discutidos somente atos homossexuais (ver imagens 8 e 9). Como a pesquisa de Barbosa (1984), este estudo chega a

encontrar a homossexualidade como tema preferido nos banheiros masculinos. Nos banheiros femininos, no presente estudo, não aparece a homossexualidade.



8



9

Imagens 8 e 9, banheiro masculino.

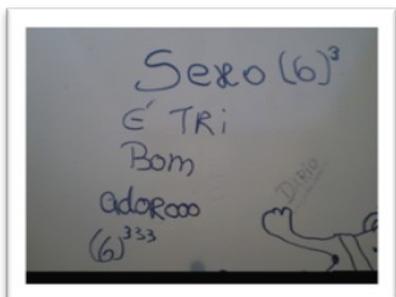
A homossexualidade ou os atos homossexuais aparecem como algo positivo e prazeroso, algo que oferece grande prazer aos autores, um até mesmo pagaria para fazer sexo com alguém com pênis grande. Se nota, no entanto, que, como se vê na imagem 8, o fato de fazer isso “na camufla” adquire grande importância.

A transexualidade ou o jogo entre e além dos sexos se representa no desenho do banheiro feminino (ver imagens 6 e 7). Não é possível perceber a atitude perante dessa variação da sexualidade, mas é interessante que não existe nenhuma forma de protesto contra a imagem. O mesmo se pode dizer das afirmações obviamente homossexuais, ninguém contesta os grafitos. Isso talvez pudesse ser interpretado como uma ‘porta de entrada’ para trabalhar a diversidade sexual, os jovens provavelmente ou possivelmente estão interessados em, talvez mesmo abertos a discutir o assunto fora do banheiro.

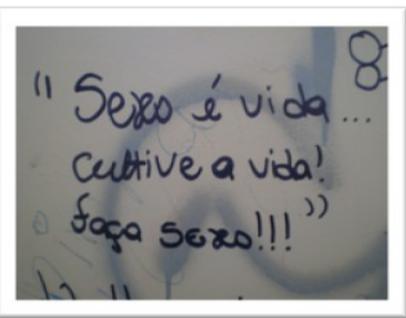
A heterossexualidade aparece mais no banheiro feminino. Se encontra por exemplo no grafite da imagem 4, e em muitas afirmações de afeto e atração como “Mateus gostozinho”. Também existem mensagens que tratam de ciúmes. No banheiro masculino muitas vezes não é possível identificar a heterossexualidade, somente se encontra a frase “Te amo” sem nome, e além disso só a frase “O bonde é nosso” que vem da cultura *funk* e significa mais ou menos “essa fila de meninas (dançando) pertence a nós, aponta para a heterossexualidade.

Nos banheiros masculinos surge tanto o sexo anal e o sexo oral, devido ao contexto homossexual, enquanto nos banheiros femininos se fala primeiramente de sexo vaginal, com uma referência ao sexo oral.

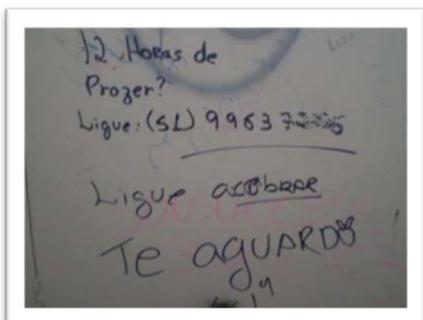
O *insight* mais forte deste trabalho para mim foi o domínio do prazer nas noções sobre sexualidade e corpo. Realmente chama atenção que a maioria dos grafitos sobre sexualidade ou partes sexuais do corpo são vinculadas ao prazer. Essas três imagens dos banheiros femininos são bons exemplos.



10



11



12

### Imagens 10, 11 e 12, banheiro feminino.

Imagem 10 diz “Sexo (6)<sup>3</sup> É TRi Bom adoooo (6)<sup>333</sup>”. Os números neste grafito provavelmente expressam uma certa ênfase no que é dito. Esse grafito, junto com o outro da imagem 11 “Sexo é vida... cultiva a vida! Faça sexo!!!” lembram uma propaganda de que é bom fazer sexo.

Cabe fazer referência à afirmação de Sigl (1993) de que na escola os grafitos funcionam como válvula de escape, neles se comunicam medos, mas também desejos. Esses grafitos falam do desejo de fazer sexo e do prazer a ele relacionado.

Mais obvio ainda se torna o tema da imagem 12: “12 Horas de Prazer? Ligue: XXXXX, Ligue acobrar TE AGUARDO”, que faz pensar numa oferta de uma profissional trabalhadora de sexo, só que a autora parece tão interessada em receber as ligações que ela se oferece para pagá-las. Se nota que isso é a segunda vez que prazer e sexo se

relacionam a dinheiro (confira imagem 8). Interessante é que mais um contexto ligado com sexo, dinheiro e prazer, nestes banheiros, se encontra na palavra “puta”, que usualmente tem uma conotação bastante negativa. Parece existir um limite entre condenar e aprovar a aliança entre sexo, dinheiro e prazer.

Penso, aqui, como Goellner (2008) que aponta a busca de prazer em nossa sociedade como um dever. É necessário trabalhar o corpo, cuidá-lo, mas também deve ser utilizado com o intuito de sentir prazer. Essa obrigação pode muitas vezes se tornar uma obsessão, e ao verificar os grafitos do presente estudo é possível encontrar um bom exemplo disso. Os comportamentos de “ficar” e “pegar” como são descritos por Almeida (2006) parecem se encaixar bem nessa noção da busca do prazer. Basta imaginar a multidão de jovens numa boate durante a *pegação*, se beijando, trocando de parceiro/a varias vezes em uma única noite. Surge a impressão que o valor mais importante na vida é a busca e o alcance do prazer, como se afirma na idéia filosófica do hedonismo.

Julgo útil para as escolas e os educadores trabalhar com a idéia do prazer, já que parece ser uma força tão grande na vida dos alunos. Através do prazer se abriria uma visão

diferente de trabalho, como por exemplo, com a educação sexual, que assim poderia se ligar mais à vida e às aspirações dos jovens. A idéia do prazer é uma das idéias que mereceriam ser transferidas do banheiro para a sala de aula. Se poderia, a partir dela, trabalhar com uma série de assuntos, inclusive o questionamento do papel e funcionamento do prazer nas vidas cotidianas.

Até hoje a temática do prazer parece mais apta a ser mencionada nos banheiros, ainda não saiu de sua reclusão para fazer parte da discussão na escola com os educadores, pois estes se concentram mais em aspectos como segurança, saúde ou controle dos corpos e da sexualidade. Em geral, o trabalho da escola se orienta em normas, também quando se trata de definir as pessoas a partir do seu sexo. Barbosa (1984) explica que a motivação para a produção de grafitos aumenta em lugares com pressão institucional, onde não é possível viver a individualidade enquanto as regras da sociedade estão em vigor. Os grafitos tratam, conseqüentemente, de sentimentos privados e da vontade de expressar a presença individual. Isso é bastante presente nos grafitos sobre desejos e sexualidade, mas também nas assinaturas, encontradas principalmente nos banheiros masculinos.

Dar espaço para a individualidade em discussões na escola e na sala de aula, ou ainda, trabalhar com a noção de que uma pessoa pode unir em si mesma inúmeras identidades diferentes e contraditórias seria muito produtivo para trabalhar as relações de gênero e a sexualidade. Os grafitos de banheiro mostram que pensamentos nessa direção estariam de acordo com o que é vivenciado pelos jovens.

#### **6.4 Aspectos de Gênero**

Almeida (2006) percebeu que a situação e as experiências (sexuais) de meninos e meninas são muito semelhantes, mas o discurso sobre isso varia bastante e coloca meninas e meninos em posições diferentes. Em seu estudo, as meninas se percebem como vítimas ou são vistas como alvos de certos comportamentos como a “pegação”, quando, na realidade, “pegam” também ativamente os meninos.

Aqui neste estudo não se percebe a visão das vítimas, mas sim uma maneira possessiva dos meninos ao falar a respeito das meninas. A afirmação “O bonde é nosso” (ver

acima) lembra do comportamento da “pegação”, na qual se trata, para os meninos, de pegar o máximo possível de meninas por noite.

Se encontram bastante concordâncias entre os grafitos nos banheiros masculinos e femininos. Surgem várias formas de sexualidades em contexto positivo e nenhuma é contestada e a noção do prazer está presente tanto nos grafitos dos banheiros masculinos quanto femininos. Também chama atenção que em ambos é expressado francamente o desejo de fazer sexo. Dentre as representações encontradas se inclui a noção de que o pênis deve ser grande para ter valor e que alguns meninos acham que as meninas pertencem a ele. Além disso, é mais frequente a menção ao pênis do que à vagina. O pênis geralmente adquire um papel mais ativo.

Outra temática existente nas paredes dos banheiros é a venda de drogas, que aparece em forma de um nome em conjunto com um número, que em geral identifica um ônibus que deve ser tomado até determinado local onde se pode adquirir o material. Isso não somente encontra-se nos banheiros masculinos, como também nos femininos. Os insultos também são presentes em ambos os banheiros, já a ameaça só surgiu no banheiro feminino.

As concordâncias e as diferenças entre os grafitos de meninos podem servir como base para uma discussão entre educadores e alunos sobre referências e determinação do que é “normal” com o objetivo de examinar como são poucas as diferenças entre os sexos e de perceber que cada pessoa é diferente e possui características próprias, que entre si não sempre são conformes e harmônicas. Se poderia questionar sobre a razão da divisão entre os sexos, ou melhor, se poderia discutir como as representações diferenciadas para a(s) masculinidade(s) e para a(s) feminilidade(s) se construíram historicamente e socialmente quais têm sido seus ‘efeitos’ sobre a vida dos sujeitos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final desta sucinta pesquisa se mostrou claro que os estudos de grafitos são uma rica fonte para reflexão sobre a sociedade, eles são “rentáveis”, pois podem ser ‘explorados’ no âmbito das salas de aula, ou na educação de modo mais amplo. Seria de valor conduzir estudos mais amplos em varias áreas de conhecimento. Explicitamente os grafitos de banheiro nas escolas adquirem potencial para serem utilizados no mapeamento do que comove os alunos e no auxílio à incorporação de certos assuntos do cotidiano na escola e em sala de aula para que haja maior proximidade em relação à realidade dos jovens. Assim certas idéias poderiam ser questionadas e contempladas de diferentes ângulos, como, por exemplo, noções sobre relações de gênero e sobre a sexualidade vivenciada. Os efeitos poderiam providenciar um alívio de certas preocupações pessoais dos alunos, como também de tensões institucionais, causadas por falta de conformidade entre alunos e escola.

Pressuposto para isso seria, no entanto, a disposição e a capacidade dos professores de trabalhar com o caso, pois os grafitos mostram que os alunos se encontram em lugares bem diferentes do que tratam as pedagogias (de corpo, sexualidade e gênero) atualmente nas escolas. Seriam necessárias reformas tanto no currículo como na formação dos professores.

O título deste trabalho é “Sexo *forever*”, que foi um grafito encontrado em uma escola na qual as imagens foram coletadas, mas que acabei por excluir para diminuir o tamanho do estudo. Ainda assim julgo essa expressão neurálgica para o presente trabalho de pesquisa. Por vários motivos ela parece descrever bem o assunto estudado. Primeiramente, porque a sexualidade é a temática dominante nos grafitos. Além disso surgem diferentes sexualidades, que não são contestadas por ninguém no banheiro. Segundo, porque a descoberta da ligação entre sexo/sexualidade e prazer foi bastante instigante. Por fim, “sexo *forever*” lembra o fato de que o sexo, em nossa sociedade, ainda é uma marca através da qual as pessoas são classificadas e influenciadas.

Neste contexto permanece a esperança que, no futuro próximo, a categorização a partir da “natureza” e da “norma” não seja mais a dominante e que não haja “sexo *forever*” nesse sentido. Ouvir os grafitos de banheiro e incorporar algumas das suas falas na pauta da agenda escolar poderia ser um importante passo nessa direção.

## REFERÊNCIAS

AHMED, S.M. **Graffiti of Canadian high school students.** *Psychological Reports*, Vol. 49(2), out. 1981, p. 559-562.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **“Zoar” e “ficar”**: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 139-157.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro**. São Paulo: Brasilense, 1984.

BRITZMANN, Deborah. **O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo.** *Educação e Realidade*. Vol.21 (1), jan/jun. 1996. p. 71-97.

FISCHER, Katrin. **Laute Wände an stillen Orten.** Klo-Graffiti als Kommunikationsphänomen. Baden-Baden: Deutscher Wissenschafts-Verlag, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1. A vontade de saber.** 19ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOELLNER, Silvana. **A produção cultural do corpo.** In: LOURO Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação.* 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 28-40.

GOLDENBERG, Mirian. **O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca.** In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 25-41.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo.** *Educação e Realidade*, Vol.22 (2), jul/dez.1997.

LOURO, Guacira. **Conhecer, pesquisar e escrever**, 2004 (mimeo).

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** *Educação em revista*. n.46. Belo Horizonte, dez. 2007 a.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação - uma abordagem pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2007 b, capítulos 1 e 2.

LOURO, Guacira. **Currículo, gênero e sexualidade. O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER Silvana (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela. **Modos de ver e se movimentar pelos caminhos da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com e a partir de um filme**. In: COSTA, Marisa e BUJES, Maria Isabel. *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**. In: MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 2ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 5-16.

NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

PEREIRA, Verbena. **Gênero: dilemas de um conceito**. In: STREY, Marlene, CABEDA, Sonia e PREHN, Denise (orgs.). *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas*. Coleção Gênero e Contemporaneidade, 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 173-198.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**. An Introduction to the Interpretation of Visual Materials. 2ª edição. Londres: SAGE Publications, 2007.

RUBIN, Gayle. **Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality**. In: PARKER, Richard e AGGLETON, Peter (orgs.). *Culture, Society and Sexuality. A Reader*. Londres: UCL Press, 1999.

SEFFNER, Fernando. **Obscenidades extraídas do diário de campo levam a pensar sobre direitos sexuais**. In: SOMOS Comunicação, Saúde e Sexualidade. *Cadernos Obscenos: a erotização do conhecimento*. / PENALVO, Claudia; BERNARDES, Gustavo e ZAGO Luiz Felipe (orgs.). Porto Alegre: SOMOS, 2009.

SIGL, Norbert. **Kommunikation am Klo**. Graffiti von Frauen und Männern. Viena: Verlag für Gesellschaftskritik, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como representação**. In: *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TEIXEIRA, Renata e OTTA, Emma. **Grafitos de banheiro**: um estudo de diferenças de gênero. *Estudos de Psicologia*. Vol. 3 (2), 1998, p.229-250.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Análises Culturais** - um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Cristina Vorraber. (Org.). *Caminhos Investigativos II*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, v. , p. 71-90.

### **Fontes da internet**

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n.46, Dec. 2007 c.

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci_arttext)

[Acesso: 12/08/2011 18:06]

VILAR, Fernanda, PEREIRA, Pedro Henrique e da SILVA, Tiago. **Análise do discurso dos escritos de banheiro na universidade**. Unicamp, 2006.

<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00009.htm>

[Acesso: 23/06/2011 13:48]